

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FABIO YOSHIO DE AMORIM

**AS TIC NOS CURSOS DE PEDAGOGIA DA UNESP:
análise do currículo para formação de professores**

**BAURU
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FABIO YOSHIO DE AMORIM

**AS TIC NOS CURSOS DE PEDAGOGIA DA UNESP:
análise do currículo para formação de professores**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani.

**BAURU
2012**

Amorim, Fabio Yoshio de.
As TIC nos cursos de pedagogia da UNESP:
análise do currículo para formação de professores
/ Fabio Yoshio de Amorim, 2012
66 f.

Orientador: Thaís Cristina Rodrigues Tezani

Monografia (Graduação)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

1. Tecnologia da informação e comunicação. 2.
Currículo. 3. Pedagogia. 4. Educação à Distância
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

FABIO YOSHIO DE AMORIM

AS TIC NOS CURSOS DE PEDAGOGIA DA UNESP:

Análise do currículo para formação de professores

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação do Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Thaís Cristina Rodrigues Tezani – orientadora
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

Profa. Ms. Rita de Cássia Bastos Zuquieri
Secretaria Municipal de Educação – Bauru/SP.

Prof. Dr. Antônio Francisco Marques
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru.

BAURU

2012

**Dedico este trabalho aos meus pais Francisco e Satsuko, aos
irmãos Priscila e Rodrigo, e também à minha amada Caroline
Thomazelli, que sempre me motivaram e encorajaram.**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e deram condições para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus irmãos, pelo eterno companheirismo.

Aos meus sobrinhos Yuna, Leonardo e Rafael, que tanto contribuíram para observações durante a jornada neste curso.

Aos meus familiares, que me serviram de exemplo e tanto contribuíram para a formação do meu caráter.

À Caroline, minha querida companheira, pela eterna paciência, companheirismo e contribuição essencial para que eu me dedicasse a este trabalho. Eterno amor.

Aos colegas de sala, com quem pude refletir, aprender e socializar muito mais que conhecimentos.

Aos colegas do curso, que sempre se ajudaram pelos corredores desta Universidade.

Aos amigos que me incentivaram na etapa final e assistiram a apresentação do trabalho.

Aos amigos Aline Domingues, André, Fernanda, Hilton, Renata, Thiago Martines, Thiago Vallin e Sabrina, que me motivaram e compartilharam tantos momentos especiais durante esses quatro anos.

Aos professores da UNESP-Bauru, que contribuíram para nossa formação com profissionalismo e dedicação, principalmente aos que estão ligados ao Departamento de Educação.

À Glória George Feres, por me incentivar e cooperar com a revisão deste trabalho.

Aos professores Antônio Francisco Marques e Rita de Cássia Bastos Zuquieri, por terem aceitado compor a banca deste trabalho e que, com certeza, enriqueceram minha formação com suas contribuições nesta pesquisa.

À professora Thaís Cristina Rodrigues Tezani, que me auxiliou em um momento tão delicado. Acreditou em meu potencial e me forneceu as ferramentas necessárias para conclusão deste trabalho. A ela sou muito grato.

**Sem a curiosidade que me move, que me inquieta,
que me insere na busca, não aprendo nem ensino.**

Paulo Freire

RESUMO

Com o passar dos anos, a sociedade se modifica, se renova e cria condições para a utilização de novos aparatos tecnológicos. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) se expandem em nossa sociedade e são utilizadas, também, em processos de ensino e aprendizagem, fazendo-se necessário que o professor as conheça. Esta pesquisa teve como primeiro objetivo analisar os currículos de formação de professores dos campi da UNESP, especificamente em relação aos cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia, a fim de compreender como estes cursos estão estruturados em relação aos temas que abordam as TIC. Para isso, foi realizada pesquisa bibliográfica sobre os temas principais que envolvem as tecnologias e a formação do professor, e análise documental do currículo dos cursos de Pedagogia da UNESP. Notou-se que apenas o curso de Pedagogia do campus de Bauru oferece disciplinas que trabalham os temas de tecnologia de forma central. A partir deste resultado, o segundo objetivo da pesquisa foi compreender, por meio de um questionário, a opinião dos alunos do curso de Bauru, matriculados nestas disciplinas, sobre a modalidade Educação à Distância (EAD). Com os resultados dos questionários pôde-se concluir que os alunos avaliaram como importante o conhecimento das ferramentas tecnológicas, viabilizado por disciplinas específicas durante sua formação profissional. Notou-se a contribuição positiva de uma grade curricular abrangente com relação ao conhecimento das TIC para a reflexão e formação de senso crítico nos pedagogos em formação.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e Comunicação. Currículo. Pedagogia. Educação à Distância.

ABSTRACT

Over the years, society changes, renews and creates conditions for the use of new technological devices. The Information and Communication Technologies (ICT) to expand in our society and are used also in teaching and learning, making it necessary that the teacher knows them. This study was first to analyze the curriculum of teacher training at the campus of UNESP, specifically in relation to courses Full Degree in Education in order to understand how these courses are structured in relation to the subjects they deal with ICT. For this, we searched the literature on the main issues involving technology and teacher education, curriculum and document analysis of Pedagogy of UNESP. It was noted that only the Faculty of Education offers the campus of Bauru disciplines working technology issues centrally. From this result, the second objective of this research was to understand, through a questionnaire, the views of students of Bauru, enrolled in these disciplines, on the Distance Education. With the results of the questionnaires it was concluded that students rated as important the knowledge of technological tools, made possible by specific disciplines during their training was noted the positive contribution of a comprehensive curriculum with respect to knowledge of ICT for reflection and formation of critical thinking in teachers training.

Keywords: Information Technology and Communication. Curriculum. Pedagogy. Distance Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aspectos positivos da modalidade de EAD	51
Gráfico 2 – Aspectos negativos da modalidade de EAD.....	53
Gráfico 3 – EAD na primeira graduação	55
Gráfico 4 – EAD em curso de extensão/formação continuada.....	56
Gráfico 5 – Principais dificuldades para fazer um curso EAD.....	57
Gráfico 6 – Possibilidade de aprender e ensinar usando EAD	58
Gráfico 7 – Opinião sobre a experiência com EAD	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 01	52
Quadro 2 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 02	54
Quadro 3 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 03	55
Quadro 4 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 04	56
Quadro 5 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 05	57
Quadro 6 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 06	58
Quadro 7 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 07	59

LISTA DE ABREVIATURAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem	27
CD – Compact Disc (disco compacto)	22
CETIC – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação	19
CGI – Comitê Gestor da Internet no Brasil	19
DVD – Digital Versatile Disc (disco digital versátil).....	22
EAD – Educação à Distância	7
ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.....	18
ETEC – Escola Técnica.....	31
FATEC – Faculdade Técnica	31
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira	31
LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	37
MEC – Ministério da Educação e Cultura.....	24
MOODLE – Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment	46
NIC – Departamento do Núcleo de Informações e Coordenação do Ponto BR.....	19
NTIC – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação	17
PPP – Projeto Político Pedagógico	41
SEED – Secretaria de Educação à Distância	29
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso	44
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação	7
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”	14
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.....	29
UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo.....	31
USP – Universidade de São Paulo.....	31
WWW – World Wide Web	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	15
2.1 Representação das TIC na sociedade	15
2.2 Representação das TIC na educação	23
3 OS CURSOS DE PEDAGOGIA NO BRASIL	33
3.1 Contexto histórico.....	34
3.2 Demandas atuais	37
4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS TIC	41
4.1 Discussões curriculares	41
4.2 A proposta de unificação curricular	43
5 OS DADOS DA PESQUISA.....	46
5.1 Primeira Etapa: Levantamento Documental e Bibliográfico	46
5.2 Segunda Etapa: Pesquisa de Opinião	47
5.2.1 População e Amostra	48
5.2.2 Coleta de Dados	48
5.2.3 Organização e Análise dos Dados	49
6 AS TIC NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNESP: RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	51
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia está na vida de todas as pessoas, atualmente. Nos últimos tempos, é possível perceber certa discrepância entre as novas gerações que já nascem em um contexto tomado pelos recursos tecnológicos e tem acesso a eles cada vez mais cedo, e os professores que ainda apresentam certa resistência na utilização de tais recursos.

As novas gerações, representadas pelas crianças, acabam conhecendo as tecnologias melhor que os adultos, isso torna-se um desafio ao professor da atualidade, que precisa aprender a trabalhar com as tecnologias de forma didática e interessante para a criança, sem perder de vista os conteúdos. O presente trabalho, tem como proposta uma reflexão necessária a partir desta realidade, na qual as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão presentes, desde a formação do professor, até o momento de sua atuação, dentro das salas de aula.

As tecnologias acompanham as mudanças da sociedade e da era da informação. Embora seja grande o dinamismo e velocidade das informações, neste contexto, as crianças parecem se adaptar a isso com mais facilidade, por já estarem inseridas em um mundo no qual as tecnologias existem e ocupam um grande espaço. Quando, por outro lado, o professor não possui conhecimento técnico e didático para trabalhar com os recursos tecnológicos disponíveis (ou seja, com as TIC), seu planejamento pedagógico pode ser prejudicado.

A partir destas hipóteses, qual a real necessidade de estar habituado às TIC? Existem escolas que já exigem esse conhecimento do professor? Há riscos de o livro didático deixar de ser usado na escola? É importante que, nos cursos de formação de professores, sejam trabalhados os recursos tecnológicos, visando sua preparação profissional para futuras demandas? O que o professor pensa das TIC em sala de aula?

Essas são algumas indagações que serviram como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa, mas mantendo a ênfase na estrutura curricular de formação do pedagogo e sua concepção frente às TIC.

A importância de se pesquisar assuntos ligados à tecnologia na escola se deve ao fato de que os recursos são cada vez mais dinâmicos e amplamente utilizados no âmbito educacional. Sendo assim, para que o professor tenha bom desempenho com seu planejamento pedagógico e utilização desses recursos, é preciso que ele renove seus conhecimentos a todo instante. É importante identificar, ainda, como o trabalho do professor é realizado em sala de aula ao se

utilizar das TIC, se sua formação contou com um curso que atendesse a esta necessidade e sua opinião sobre o uso de recursos tecnológicos durante a formação e atuação de professores.

A partir de todas estas considerações iniciais, a proposta desta pesquisa pode ser dividida em dois objetivos principais.

O primeiro deles diz respeito à discussão sobre o currículo dos cursos de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), considerando os seis campi nos quais há turmas em andamento, e a existência ou não, de um espaço reservado, na grade curricular, para preparação do pedagogo frente às novas demandas trazidas pela tecnologia.

Após esta constatação, foi realizado um levantamento da opinião de alunos da UNESP que possuem, em sua formação, disciplinas voltadas ao uso das TIC, buscando identificar, entre outras coisas, os aspectos positivos e negativos do uso da modalidade EAD (enquanto uma das principais TIC utilizadas no mundo da educação), tanto em sua formação, quanto em seu exercício profissional.

A estrutura do trabalho segue uma ordem propícia à compreensão dos caminhos percorridos no alcance dos objetivos elaborados. Assim, os capítulos iniciais trazem uma discussão sobre o que são as TIC e sua representação na sociedade e na educação; o contexto histórico da formação de professores no Brasil; e a relação entre a formação de professores, com base na análise de currículo, e o uso das TIC. Todas estas informações foram levantadas por meio de pesquisa documental e bibliográfica.

Em seguida, será apresentada a análise dos resultados e discussão referentes à pesquisa de opinião realizada com os alunos dos cursos de Pedagogia da UNESP cujos cursos apresentam, em sua grade curricular, disciplinas de caráter tecnológico.

2 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

As tecnologias da informação e comunicação, que chamamos de TIC, estão atualmente em seu uso bastante expandido. Pode-se observar o uso de TIC em diversas áreas, negócios, meios acadêmicos, educacionais e da saúde, segurança pública e tantas outras. O demasiado uso das possibilidades tecnológicas fez com que essas atividades se tornassem, algumas vezes, automáticas, de forma que as pessoas já não refletem mais sobre suas ações.

No Brasil, algumas das possibilidades trazidas pelo emprego de recursos tecnológicos já alcançaram grande parte da população, que, muitas vezes, por não ter o acompanhamento de pessoas esclarecidas – como professores aptos para trabalhar com tecnologias – faz uso desses recursos apenas para entretenimento e lazer. É evidente que o uso desses recursos para entretenimento e lazer não é condenável, mas entendendo o quanto essas TIC são importantes para compartilhamentos de informações, usá-las restritamente para lazer pode ser considerado um retrocesso.

A sociedade em que vivemos hoje é conhecida como a Sociedade da Informação e do Conhecimento. Para Castells (1999), esta sociedade possui outra característica implícita: o modo de produção capitalista, que permite diferentes formas de progresso, dependendo da cultura e história de cada país. Para compreender os impactos que a expansão de seu uso produz na sociedade atual é necessário estudar suas implicações de forma geral na sociedade e, posteriormente, no âmbito da educação.

2.1 Representação das TIC na sociedade

O Brasil, tornou-se um dos países emergentes com mais destaque na atualidade, junto a países como a Índia e a China, devido a seus avanços financeiros, científicos e, também, em relação à educação.

O movimento de globalização generalizado mundialmente enquadra o país como um dos países emergentes que mais utilizam Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), seja em situações profissionais, seja em busca de entretenimento. Entre as maneiras de utilização é possível, ainda, destacar que o país se apresenta como consumidor e produtor.

De acordo com Castells (1999), a globalização é mais bem compreendida ao analisar os mercados de capitais, que, a partir do uso das TIC, conseguem trabalhar com o capital virtual, transportando grandes valores com grande velocidade, complexidade e conectividade. Ainda segundo o autor, do ponto de vista econômico, os países consideram este movimento de globalização como benéfico para todas as nações, pois quando realizado de forma homogênea entre as regras de mercado, proporcionaria um nível razoável de desigualdade e redução da pobreza. Assim, pode-se entender que qualquer produto advindo das TIC, como computadores, smartphones e o próprio uso da internet, torna-se permanente nos países por esse movimento denominado globalização.

Para Dessler (2003), a globalização é a tendência das empresas expandirem suas vendas e sua produção para novos mercados externos, aumentando seus lucros, oferecendo seus produtos para um diferente mercado consumidor e reduzindo seus custos ao se instalar em países estrangeiros. As grandes empresas expandem seus negócios para diversos países e o Brasil torna-se ambiente adequado para instalação de fábricas de automóveis e de grandes montadoras de produtos eletrônicos.

Segundo Coutinho (2012), em artigo publicado no Portal O Globo¹, o Brasil, no ano de 2010, foi um dos países com maior consumo de produtos eletrônicos, entre outros sete países (China, Índia, Rússia, França, Alemanha, Japão e Estados Unidos). Este resultado foi obtido por meio de uma pesquisa com oito mil consumidores destes países, envolvendo 19 diferentes tecnologias – entre elas: celulares, televisores e computadores portáteis (netbooks).

Se o movimento de globalização for compreendido como o processo necessário para interligar os países no atual sistema econômico, e países emergentes como aqueles que, a partir deste processo, possuem possibilidades de maior desenvolvimento social, pode-se entender que o Brasil, quando se trata de consumo e utilização de tecnologias, se destaca em relação outros países que passam pelo mesmo processo – diga-se de passagem, tardio – da massificação da tecnologia.

Segundo Ataíde (1997, p. 1):

A globalização prometia abertura de mercado e igualdade de oportunidades para todos. Isto significaria que todos os indivíduos fariam ou poderiam fazer parte de um mesmo mundo, de uma mesma realidade. A democracia pressupõe uma sociedade livre, com igualdade de direitos e deveres ou, no mínimo, sem grandes desigualdades entre os cidadãos.

¹ Portal G1 de notícias da Rede Globo: www.g1.globo.com.

Desta forma, interligando o mundo por meio das TIC, a globalização cria ambiente propício para a disseminação de informações e proporciona a comunicação entre países distintos, sem necessidade do ato proposital. O mundo, tornando-se uma rede, permite que a informação e a comunicação sejam utilizadas pela sociedade de forma automatizada, ou seja, uma informação gerada é compartilhada e chega a diversos lugares do mundo, paralelamente, em poucos segundos, como acontece com o jornalismo na internet.

É necessário que se faça uma distinção entre a necessidade das tecnologias com a disseminação das tecnologias, pois enquanto a tecnologia é necessária, cada indivíduo poderá fazer seu uso de maneira que a tecnologia o auxilie em suas atividades ou lhe proporcione algum bem social. Já a disseminação das tecnologias pode ser comparada aos apelos de consumo. Por analogia o acesso à tecnologia como produto cultural, tem-se:

Por detrás do processo de massificação do produto vinculado pela Indústria Cultural, pode-se vincular a promessa de que a produção cultural, enquanto patrimônio universal da humanidade, seria reapropriado por todos. Não obstante, o que efetivamente ocorre é a (pseudo) redemocratização destes mesmos produtos (ZUIN, 1994, p. 153).

Pode-se entender que as TIC são, sinteticamente, tecnologias e ferramentas que, utilizadas de maneira sincronizadas, possibilitam a automação das informações, de modo que essas informações sejam compartilhadas, distribuídas e acessadas normalmente por qualquer cidadão a partir do uso de um aparelho com a acessibilidade – neste caso, a internet.

Para melhor compreender a questão citada, é preciso distinguir técnica de tecnologia. Para Moreira (1998), técnicas são habilidades que o homem possui em mostrar sua prática, em atividades como plantar, expor suas ideias e até mesmo planejar suas aulas. Segundo Santos (1996), essas técnicas originam materiais que o homem não lhe pode transmitir vida, denominando assim tecnologia. Assim, técnicas se resumem ao modo como os homens expressam suas habilidades, e a tecnologia é o resultado da inovação das técnicas.

Há ainda o termo NTIC, que seriam as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, elencando principalmente as ferramentas que predominaram nas últimas décadas como a televisão e a popularização do microcomputador (computadores pessoais) com acesso à internet. Entretanto, neste trabalho não será feita a distinção entre TIC e NTIC, considerando apenas o termo TIC.

Nas palavras de Kenski (2007, p. 28):

O avanço tecnológico das ultimas décadas garantiu novas formas de uso das TICs para a produção e propagação de informação, a interação e a comunicação em tempo real, ou seja, no momento em que o fato acontece. Surgiram, então, as novas tecnologias de informação e comunicação, as NTICs. Nessa categoria é possível ainda considerar a televisão e, mais recentemente, as redes digitais, a internet. Com a banalização do uso dessas tecnologias, o adjetivo ‘novas’ vai sendo esquecido e todas são chamadas de TICs, independentemente de suas características. Cada uma, no entanto, tem suas especificidades (KENSKI, 2007, p. 28).

É possível compreender que qualquer dispositivo ou ferramenta que proporcione a automação da informação é uma TIC, mas não há essa necessidade exclusiva, podendo ser considerado o avanço científico de uma área específica.

Neste sentido, existem ainda outros âmbitos a serem considerados quando se trata de TIC, como afirma Castells (2002, p. 67):

Entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluo nos domínios da tecnologia da informação e informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimentos e aplicações.

Assim, pode-se considerar que as TIC são ferramentas indispensáveis, inclusive, às pequenas atividades cotidianas, pois mesmo os resultados e produtos de pesquisas fazem parte do contingente representado por estas tecnologias. Como exemplos, duas ferramentas podem ser destacadas entre as tecnologias da informação e comunicação: o e-mail e a carta. O e-mail (correspondência virtual enviada por meio de computadores com acesso à internet) acabou substituindo a carta (correspondência manual escrita por meio de papel e caneta, enviada por meio da ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos), de forma que o e-mail transformou a carta em uma tecnologia praticamente obsoleta – utilizada no Brasil desde os tempos de colonização, já que o primeiro documento oficial escrito no país foi a carta de Pero Vaz de Caminha, datada em 1 de Maio de 1500. Comparada ao e-mail, a carta é lenta, seu envio de um país para outro pode demorar dias, há chances de extravio e, ainda, pode gerar um custo adicional, pois é preciso pagar a postagem e selagem para a ECT. Por outro lado, não se consegue acesso a uma conta de e-mail sem ser exposto a problemas como falsidades virtuais e de acessibilidade, já que, para enviar um e-mail, é necessário ter acesso à internet em um computador, demandando o pagamento por esse serviço, mesmo que se esteja em uma

lan house (estabelecimento onde as pessoas pagam para usar computadores com acesso à internet).

Mas, como essa massificação trouxe o computador e a internet para, praticamente, todas as empresas no Brasil e para a grande maioria das casas dos brasileiros, o envio de e-mail tornou-se tão comum que algumas pessoas nunca mais utilizaram a carta para envio de mensagens.

Este tipo de procedimento é ainda mais comum entre a geração Z ou geração net. Esta geração representa os nascidos após meados da década de 80, que mantiveram maior contato com ferramentas tecnológicas como computadores, celulares e a própria internet, o que se pode conceituar por Geração Digital (TAPSCOTT, 1999).

Entre a Geração Digital, o uso de cartas para envio de mensagens é geralmente desconhecido, pois, como nasceram neste ambiente virtual já avançado, o processo de utilização do e-mail tornou-se automático. Outros exemplos que tornam essa observação evidente é o fato desta geração tornar certas tecnologias “ultrapassadas”, como é o caso do telefone celular, que em meio a tantas possibilidades de planos econômicos e sua mobilidade, acabou por deixar o telefone fixo residencial quase em desuso.

Uma pesquisa intitulada “TIC Crianças 2010” e conduzida pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação² (CETIC), pelo Departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR³ (NIC) e pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil⁴ (CGI), com 2.516 crianças entre 5 e 9 anos de todo o Brasil, apontou que 59% delas utilizam celulares no seu cotidiano, 51% delas já utilizaram um computador e 27% já utilizaram a internet. Sobre o quadro de 51% de crianças que já utilizaram o computador, 20% delas afirmaram terem aprendido de forma autodidata, e, nos demais processos, o professor foi o agente mais mencionado na orientação dos contatos da criança com o computador e a internet. O uso destas tecnologias, como ilustrou a pesquisa, já se tornou comum entre as crianças menores de 12 anos, sendo seus principais representantes os computadores e celulares.

Como aponta McLuhan (1971), o uso rotineiro das tecnologias as transforma, fazendo com que o usuário não se lembre de que utiliza uma tecnologia, como é o caso da TIC, pois este tipo de ação se torna automática. Exemplo disso é a utilização de projetores em sala de aula ou reuniões e o envio de e-mails com arquivos digitalizados em empresas, que já se tornou rotina nestes ambientes. No ato da utilização dessas ferramentas o usuário não percebe

² Portal do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação: www.cetic.br.

³ Portal do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR: www.nic.br.

⁴ Portal do Comitê Gestor da Internet no Brasil: www.cgi.br.

o que a ferramenta representa e o quanto ela auxilia seus processos cotidianos. Por conta disso, sua funcionalidade, muitas vezes, se torna invisível.

Na sociedade atual, coexistem três tipos de categorias de conhecimento, as quais são denominadas por Levy (1993) como oral, escrita e digital. Essas categorias são as linguagens utilizadas pelos seres humanos e que os diferenciam dos outros animais.

Segundo Kenski (2007), TIC não é apenas um dispositivo eletrônico ou uma ferramenta moderna estabelecendo essa função tecnológica, pois, concordando com Levy (1993), aponta a linguagem oral, a linguagem escrita e a linguagem digital também como tecnologias da informação e comunicação. Estas TIC, contudo, não são produtos da utilização de recursos eletrônicos ou máquinas, mas foram originadas a partir da inteligência humana.

Desta forma, é possível considerar as linguagens oral, escrita e digital como TIC tendo em vista que proporcionam a mesma funcionalidade de informação e comunicação – afinal, nem sempre o homem dispôs de possibilidades de comunicação oral, escrita e digital, tendo desenvolvido toda essa especificidade historicamente.

De acordo com Kenski (2007), o uso regular da comunicação oral padronizou a cultura e a forma de transmissão de informações dos povos antigos e, assim, locutores e artistas da oratória assumiram papéis importantes na formação de opiniões e promoveram a fixação de conceitos e ideias a partir da repetição e memorização. A linguagem escrita surgiu a partir do momento em que os povos se tornaram sedentários – ou seja, assumiram uma terra e se estabeleceram. Neste formato, o conhecimento se dá de forma distante, pois há aquele que registra as ideias e conhecimentos em um papel e aquele que lê e interpreta o escrito.

A escrita foi uma revolução e permitiu a distribuição de informação a diversos lugares sem que o autor estivesse junto, trazendo autonomia à informação. Contudo, ainda existia o impasse da interpretação, no qual, algumas vezes, o contexto do escrito não representava o contexto do lido, havendo diferentes versões e interpretações. Fato interessante da linguagem escrita é que ela serve de registro e auxilia a sociedade na construção de uma memória permanente.

Por fim, a linguagem digital possibilitou a junção das linguagens escrita e oral em novos contextos, se apresentando como um fenômeno descontínuo, fragmentando, dinâmico, aberto e veloz. Os hipertextos e hipermídias representam a linguagem digital, que são as articulações das informações textuais com informações de mídia, na qual o usuário, de fato, navega pela informação seguindo o rumo que lhe interessar. A linguagem digital criou uma nova cultura e uma nova realidade informacional que está totalmente relacionada à evolução das TIC.

A fim de melhor explanar sobre hipermídia e hipertexto, temos as afirmações de Scavetta e Laufer (1997), segundo os quais a hipermídia se trata da reunião de varias mídias num suporte computacional, com suporte em sistemas eletrônicos de comunicação. Desta forma, é possível unir os conceitos de não-linearidade, interface, multimídia e hipertexto dentro da hipermídia. O hipermídia pode suportar diversos conceitos, imagens, sons, vídeos, textos, e até mesmo o hipertexto. Segundo Gosciola (2003), o hipertexto possibilita a navegação pelos termos desconhecidos de um texto. Assim, pode-se exemplificar como se em cada texto existisse um glossário ativo, que o usuário possa acessar sem desviar sua atenção totalmente do conteúdo principal.

Além da linguagem digital, a linguagem oral e escrita também são consideradas TIC. Sendo assim, é importante conceituar os dispositivos eletrônicos e outras ferramentas que são denominadas TIC.

O microcomputador, o tablet e as derivações de notebooks são muito próximas em suas configurações, todos podendo ser denominados computadores:

Ao lado do papel crescente dos computadores na área comercial, surgiram rapidamente outros usos para essas máquinas. Hoje, computadores de todos os tamanhos e formas são usados para todos os propósitos imagináveis, desde vender ingressos para um concerto sinfônico até programar fornos de microondas. É raro o dia que termina sem que você tenha visto ou usado um computador (NORTON, 1996, p. 4).

Segue, abaixo, uma lista dos principais dispositivos eletrônicos e ferramentas que são utilizados pela sociedade atualmente, juntamente de suas especificações, características e em que tipo de situações são utilizados.

- Computador: é uma máquina idealizada para efetuar cálculos complexos. A partir de 1981, passou a ser comercializada, pela IBM (International Business Machines), uma versão de PC (Personal Computer) para consumidores domésticos e empresas. Não era uma ideia original, mas aperfeiçoada, contendo até Sistema Operacional (MS-DOS). Atualmente, os computadores são acessíveis e foram inseridos como parte comum da sociedade, tornando-se um equipamento essencial. Geralmente chamado de desktop (computador de mesa), ele possui um monitor (saída de dados visuais), teclado, mouse e gabinete, onde se encontra a CPU (Unidade Central de Processamento), que é o processador do computador.

- O primeiro notebook registrado é o Osborne I, comercializado a partir de 1981 pela Osborne Computadores. É, basicamente, um computador, mas com a vantagem de ser portátil. O primeiro modelo chegava a pesar 12 quilos; atualmente, os modelos pesam em média 2

quilos. Há ainda os netbooks, que possuem funcionalidades similares ao notebook, mas possuindo menos recursos, como a não apresentação de entrada para CD/DVD. São menores e mais leves do que os notebooks.

- O tablet é um dispositivo que possibilita acesso à internet, gerenciamento de arquivos pessoais e entretenimento como leitura de livros, músicas e aplicativos diversos. Possui características menos avançadas que os notebooks, mas são dinâmicos, velozes para o uso momentâneo e são ainda mais leves, com aproximadamente 700 gramas. Foi popularizado com a venda do iPad, da empresa Apple, a partir de 2010.

- A Internet se originou de um projeto militar norte americano que, em 1969, criou a ARPANET, que servia ao Departamento de Segurança dos Estados Unidos. Era utilizada para gerenciar e administrar a rede de informação norte americana com cinco bases, servindo de proteção a ataques de outros países. Ao longo dos anos, começou a ser usada pelos cientistas que tinham acesso a ela. Em certo ponto, a rede foi dividida e, logo depois, aberta a toda comunidade científica, até que fatalmente se abriu para toda a população. No ano de 1990 foi inventado o conceito de World Wide Web (WWW), que tinha como ideal disponibilizar materiais na internet. Em 1992, Marc Andreessen desenvolveu o primeiro navegador da internet: o Mosaic (CASTELLS, 1999, p. 88).

Com a criação do primeiro navegador, a internet logo atingiu milhares de usuários. São esses navegadores, além dos diversos aplicativos, que tornam computadores, notebooks e tablets ferramentas importantes para trabalhadores, estudantes e a sociedade como um todo.

Desta forma, é compreensível que os computadores sejam essenciais para o funcionamento das principais TIC que a sociedade utiliza. Atualmente, saber manipulá-los é importante para estar incluído nos relacionamentos sociais, como os estudos e vida profissional.

O avanço tecnológico é incessante e as empresas buscam renovações para um mercado consumidor exigente e, também, para funcionar como seu próprio mecanismo propulsor de comercialização, pois as novidades são cada vez mais procuradas, tornando obsoletas as ferramentas atuais – como é o caso da substituição das máquinas de escrever pelo microcomputador acoplado à uma impressora.

Este tipo de avanço acaba por modificar todo um comportamento e pensamento da sociedade, que precisa repensar suas atividades ou, como no exemplo anterior, um profissional que há 20 anos era habituado a utilizar a máquina de escrever teve que se atualizar para cumprir suas tarefas utilizando um computador. Atualmente, essa situação pode

ser exemplificada com a utilização de softwares (programas de computadores), pois os softwares são atualizados constantemente.

Como afirma Kenski (2007, p. 22) sobre este assunto:

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias – assim consideradas em relação às tecnologias anteriormente existentes –, quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo (KENSKI, 2007, p. 22).

Portanto, entendendo o funcionamento de algumas tecnologias e das TIC é possível compreender que elas podem influenciar a vida das pessoas, sendo necessária uma pesquisa sobre as TIC e suas influências no âmbito da educação.

2.2 Representação das TIC na educação

Com os avanços da tecnologia de uma forma geral, a sociedade se viu agraciada com diversas possibilidades nas últimas décadas que não eram esperadas pelas gerações mais antigas. O homem estendeu suas pernas com automóveis, informatizou processos mecânicos e manuais com a robótica, alcançou o sonho de voar como os pássaros, progrediu com as possibilidades médicas a partir de laboratórios especializados que auxiliaram nas pesquisas... Enfim, em cada passo a frente que a sociedade realizou, a tecnologia esteve envolvida – e a TIC desempenha um importante papel nesse processo, pois a divulgação das ideias, resoluções de problemas e informações é o seu ponto mais vantajoso, promovendo a democratização desses conhecimentos.

Pode-se relacionar essa democratização do conhecimento com a sociedade da informação. Segundo o relatório “Construir a Sociedade Européia da Informação para Todos” (UNIÃO EUROPÉIA, 1997, p.12), do Grupo de Peritos de Alto Nível da União Européia:

a sociedade da informação é a sociedade que está actualmente a construir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo. Esta generalização da utilização da informação e dos dados é acompanhada por inovações

organizacionais, comerciais, sociais e jurídicas que alterarão profundamente o modo de vida, tanto no mundo do trabalho, como na sociedade em geral.

A partir disso é possível entender o quanto a sociedade avança utilizando as TIC, tanto em seu processo de construção de materiais, como em processos de desenvolvimento e distribuição de informações, para que o conhecimento possa contribuir, de fato, para a sociedade, e não apenas para uma pequena parcela desta sociedade.

A sociedade tem acompanhado diversas mudanças sociais nos mais variados âmbitos, sejam eles políticos, econômicos ou educacionais. Desta forma, viu-se o início do processo de industrialização, as duas grandes guerras e intensas transformações das tecnologias.

Esses recursos são utilizados nas casas, nas empresas e também nas escolas. Entretanto, quando se trata do ambiente escolar, é necessário que se faça algumas reflexões, pois há grandes diferenças entre a Rede Pública de Ensino e a Rede Particular de Ensino.

Segundo dados do Ministério da Educação e Cultura⁵ (MEC) anunciou este ano que investirá R\$ 150 milhões na compra de 600 mil tablets para serem utilizados por professores da educação pública de instituições federais, estaduais e municipais ainda no segundo semestre deste ano. Para a escola receber esta tecnologia, deverá atender a alguns requisitos, como ser escola urbana de ensino médio, ter internet banda larga, laboratório do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) e rede sem fio (wi-fi). Somente após as escolas de ensino médio estarem equipadas começarão a ser distribuídas nas escolas de ensino fundamental (MEC, 2012).

Apesar dos avanços do MEC, algumas Secretarias Estaduais prosseguem com seus projetos, o que, talvez, venha a acelerar essa distribuição de aparelhos nas escolas. Exemplo disso é o caso da Secretaria do Estado de Pernambuco, que distribuirá tablets para alunos do segundo e terceiro colegial da educação pública (PORTAL G1, 2012)⁶.

É de extrema relevância ressaltar que o MEC ainda investe em equipamentos para os professores – estando os equipamentos para alunos para um projeto futuro – enquanto, na rede particular, as escolas incentivam o uso de tablets desde 2011 no ato da matrícula, e, às vezes, até obrigam sua compra (ao colocá-los como item obrigatório da lista de materiais ou ao cederem o aparelho descontando no valor da matrícula). Seus aplicativos acabam por substituir os livros didáticos.

⁵ Portal do Ministério da Educação e Cultura: www.portal.mec.gov.br.

⁶ Portal G1 de notícias da Rede Globo: www.g1.globo.com.

De acordo com Silveira (2011), em artigo publicado no referido ano, na revista *Veja*⁷, três colégios particulares do Estado de São Paulo – Pueri Domus, Objetivo e Santa Cruz – implementaram o uso tablets no segundo semestre para fase de testes. O Colégio Santa Cruz, além de sua implementação em salas do ensino fundamental, adaptou suas apostilas para poderem substituir alguns livros didáticos.

A partir desta dicotomia, na escola particular, o uso de tecnologias é acessível e muito utilizado pelos professores (como é o caso de projetores, aulas dinâmicas em apresentações, materiais complementares acessíveis em casa e lousas digitais, enquanto os alunos assistem as aulas com seus notebooks ou tablets); já na escola pública, o uso de tecnologias pode demorar a se estabilizar, entre as diversas razões, temos a falta de equipamentos na escola, a falta de verba para a compra desses materiais ou mesmo a falta de preparo dos professores e alunos.

Por conta de todos esses fatores, o MEC introduziu o projeto “Educação Digital – Política Para Computadores Interativos e Tablets”, que tem como objetivo fornecer os instrumentos necessários e a formação aos professores e gestores para que as TIC sejam utilizadas no processo de ensino e aprendizagem (MEC, 2012)⁸.

Visto dessa forma, a introdução da tecnologia torna-se um desafio. Para Lyotard (1997), a adaptação do homem às novas tecnologias é necessária para acompanhar o processo evolutivo do mundo. O não acompanhamento de uma nova tendência tecnológica, que logo será substituída por outra, pode isolar a pessoa destes conhecimentos; daí a importância da introdução e utilização da tecnologia, principalmente nas escolas.

Contraditoriamente, esses recursos e ferramentas tecnológicas possuem grande mercado consumidor no país, ou seja, tanto alunos de escola particulares como alunos de escolas públicas possuem acesso a essas tecnologias, muitas vezes aprendendo a usá-las em casa. É possível supor, assim, que a não utilização destes recursos em sala de aula pode produzir a falta de interesse deste aluno.

Acompanhar tais mudanças, entre elas o progresso eletrônico e digital, mostra-se necessário a partir do momento em que há pouca oferta de empregabilidade e excesso de mão-de-obra – e a mão-de-obra desqualificada pode refletir no desemprego. Torna-se necessária, assim, a adaptação a essa nova realidade, com o conhecimento sobre tecnologia que não está diretamente relacionada apenas ao mercado de trabalho, afinal, a tendência é que os mais simples processos do nosso cotidiano sejam mediados por tecnologias, como acontecem com

⁷ Portal Eletrônico Revista Veja São Paulo: www.vejasp.abril.com.br.

⁸ Portal do Ministério da Educação: www.portal.mec.gov.br.

caixas eletrônicos, empresas que se adequam ao ponto digital e o uso automático pelo usuário em determinados transportes públicos, entre outros.

Esse pensamento foi recorrente após a Segunda Guerra Mundial, quando havia grande necessidade de mão-de-obra qualificada para atuar principalmente em fábricas. Nesse contexto, os anos pós-guerras geraram anos de escassez de certos materiais, tanto nos países que participaram da Guerra como aqueles que apenas o forneciam. Para atender a esta demanda, surgiu, por volta da década de 1960, nos Estados Unidos da América, uma corrente conhecida como Abordagem Tecnicista da Educação; posteriormente, ela alcançou os países da América Latina. No caso do Brasil, a corrente tecnicista foi implantada por meio de acordos após o Golpe de 1964, realizado em uma parceria entre o MEC e a USAID (United States Agency for International Development) – portanto, durante a Ditadura Militar. Essa década foi o cenário para uma grande transformação no âmbito escolar:

A partir da década de 60 surgem propostas de inspiração tecnicista, baseadas na convicção de que a escola só se tornaria eficaz se adotasse o modelo empresarial. Isso significa aplicar na escola o modelo de racionalização típico do sistema de produção capitalista (ARANHA, 1996, p. 175).

Os principais impactos dos acordos MEC/USAID apareceram com a criação da Lei nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e concede outras providências, ocasionando uma grande reestruturação do currículo das escolas brasileiras. O ensino da língua inglesa adentrou as escolas; disciplinas de conteúdos sociais (como História) sofreram uma redução na sua grade, enquanto disciplinas consideradas obsoletas foram retiradas da grade, como aconteceu com Filosofia e Educação Política (BRASIL, 1971).

Sobre a relação entre professor e aluno na Educação Tecnicista, Aranha (1996) salienta que, nesta perspectiva, existe a transmissão de um conhecimento técnico de forma objetiva e sem possibilidades para discussões ou debates. Assim, perde-se o foco da especificidade da educação e deturpa-se a função social da escola. Esta deixa de ser o local de transmissão de conteúdos historicamente acumulados e reflexão de ideias, passando a ser construtora de cidadãos prontos para serem mais uma peça da sociedade:

Na pedagogia tecnicista o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas

supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais (SAVIANI, 2001, p. 13).

É necessário entender a diferença entre esta corrente denominada de Educação Tecnicista em relação ao que acontece nos dias atuais. A Educação Tecnicista possuía a intenção de formar mão-de-obra para o mercado de trabalho, de forma bastante pragmática, em detrimento da formação cultural dos alunos. Atualmente, o que se vê é a valorização das tecnologias no processo educativo, coexistindo a educação cultural e reflexiva para os alunos. Portanto, é um equívoco relacionar uma educação atual regada a tecnologias com a abordagem tecnicista de educação, pois elas não possuem o mesmo objetivo.

É nessa perspectiva que Barreto (2004, p. 1182) aponta que o trabalho e a formação docente são impulsionados para uma perspectiva, já que as novas tecnologias estão cada vez mais envolvidas no âmbito escolar. Essas novas tecnologias são as TIC:

No movimento de reconfiguração de trabalho e formação docente, outro aspecto parece constituir objeto de consenso: a possibilidade da presença das chamadas “novas tecnologias” ou, mais precisamente, das tecnologias da informação e da comunicação (BARRETO, 2004, p. 1182).

É preciso que haja reflexão sobre as TIC e também sobre seu uso. Pela sua versatilidade e dinamicidade, as TIC estão em todos os ambientes, podendo ser utilizadas para o auxílio das atividades das pessoas ou podendo acabar por deturpar todo este processo. É necessário que sejam interpretadas e bem utilizadas por todas as áreas do conhecimento, inclusive da educação.

É tão ampla a possibilidade do uso das TIC que “assim, se aparentemente não há dúvidas acerca de um lugar central atribuído às TIC, também não há consenso quanto à sua delimitação” (BARRETO, 2004, p. 1182).

As TIC estão presentes na educação do Brasil há muito tempo e em diversos âmbitos. Alguns dos projetos que utilizam, atualmente, as TIC são os cursos de Educação à Distância (EAD), cursos complementares virtualmente via plataforma de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e qualquer outro processo de ensino e aprendizagem que utilize alguma TIC de forma principal. Neste caso, abordaremos EAD como Educação à Distância, agrupando em sentido amplo o termo Ensino à Distância, pois o estudo sobre a TIC de forma geral é o nosso foco.

Para Moore e Kearsley (2007), a EAD pode ser dividida em três momentos: estudo por correspondência; cursos que utilizavam a televisão ou o rádio ou o telefone; e os baseados em

redes de computadores. Entretanto, esses momentos substituíram o anterior, e sim, incorporaram-se, e os novos modelos incorporavam os antigos superando e ajustando-os para novas possibilidades.

Historicamente, a intenção do acesso à educação por meio da EAD, segundo Bóron (2000), é considerada a partir de duas hipóteses: tentativa de democratização do acesso ao ensino superior e ampla formação de mão de obra especializada. Esta democratização é concreta quando o aluno dispõe de ferramentas para acompanhar o curso em sua casa, pois seriam necessário o computador e conexão à internet estável.

No Brasil, a teleducação começou em 1923, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No decorrer dos anos, várias experiências aconteceram no país, e algumas focavam o país como um todo, e não só para uma região, como foi o caso do Projeto Minerva, Curso João da Silva, Projeto Conquista e Alfabetização por TV - MOBREAL, que foram programas exibidos em formatos de telenovela na década de 1970 e contemplavam a idade ginasial do primeiro grau. Outros projetos surgiram para atender diversos níveis de ensino, como foi o caso dos cursos desenvolvidos pela Fundação Roberto Marinho, associada ao Sistema Globo de Televisão, que proporcionavam formação de primeiro e segundo grau, e nas últimas décadas até o ensino técnico (BORDENAVE, 1987).

Com esta experiência ocorrida no Brasil é evidente o progresso das TIC em relação aos processos de ensino e aprendizagem. Um programa de rádio, primeiramente, era transmitido para uma população local; mais tarde, passaram a ser produzidas tele aulas em formato de telenovelas para que fossem sempre acessíveis e disponíveis aos alunos. Ao pensar no que a internet possibilita atualmente, pode existir infinitas possibilidades de divulgar um curso, uma ideia ou uma informação.

A internet possui essas infinitas possibilidades, pois como aponta Levy (1993), a linguagem digital trabalha com hipertextos e hiperlinks, que seria uma mídia dentro da outra, funcionando como extensões. Por exemplo, em um ambiente virtual, acessível por meio da internet, pode conter foto, vídeo, áudio, e podem se estender infinitamente.

Dessa forma, a internet possibilita uma interatividade que até então não se conseguia com o tele-ensino a partir de televisores e rádios.

Mas, antes da internet, existia outro método: os textos manuscritos para divulgar uma ideia à distância. Bordenave (1987) destaca também que, com o advento da imprensa, por Gutemberg, em 1453, esses textos tornaram-se livros e começaram a ser distribuídos em massa, fazendo com que o professor não tivesse mais papel exclusivo como agente educador.

Esse papel seria dividido nos séculos seguintes com outras tecnologias, como o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet.

As principais TIC utilizadas foram se atualizando, começando pelo rádio, televisão e depois a internet e suas possibilidades. Tanto é que em 27 de Maio de 1996 a Secretaria de Educação a Distância (SEED) foi oficialmente criada pelo Decreto nº 1.917, idealizada para atuar como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, regulamentando os cursos de graduação oferecidos em modalidade de Educação à Distância, incentivando a utilização das TIC e das técnicas de educação a distância aos métodos didático e pedagógicos (BRASIL, 1996).

A utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem cresceu nas abordagens de educação, e com isso se popularizam novas formas de trabalho, geralmente possíveis pela internet. Este movimento proporcionou que um AVA (o TelEduc) fosse produzido por pesquisadores de uma universidade pública brasileira: a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Os AVA são plataformas multiusuários online utilizadas para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, o uso das TIC pelo computador com acesso à internet não tem uso exclusivo com AVA – tanto é que, com a criação de browser (programas para acessar o banco de dados World Wide Web – WWW) na década de 1990, a internet se tornou amplamente aberta e passou a permitir canais de comunicação e interação de usuários, tendo até outras interpretações:

Os primeiros projetos de construção de ambientes virtuais de aprendizagem destinados à educação iniciaram-se em meados da década de 1990, ocasionados por uma grande mudança na internet, graças a dois acontecimentos: a criação do primeiro navegador para web – o browser (os mais conhecidos são o Netscape e o Explorer) – e a abertura da internet ao uso comercial, incorporando atividades de empresas (KENSKI, 2007, p. 96).

Nos últimos anos, aumentaram-se os recursos que utilizam os navegadores e o envolvimento que o usuário tem com o computador se alterou de acordo, principalmente, com a interatividade.

Segundo Cesar (2006), a internet representa uma grande revolução nos meios de comunicação, e, no Brasil, com seus 20 anos, ainda se mostra recente. O autor aponta, ainda, a internet como revolucionária por proporcionar uma infinidade de utilidades, como o entretenimento, negócios, educação e a interligação de pessoas.

O uso da internet em sua origem, após ser liberada para usuários comuns, consistia basicamente na transmissão de informações de pessoa para pessoa, acontecendo, por exemplo, com trocas de e-mails. Esse tipo de utilização da internet foi denominado como Web 1.0.

Em outro momento, a internet passou a ser utilizada de forma que os usuários tivessem participações efetivas, com construções de ferramentas e softwares para distribuição colaborativa. Esta nova forma de utilização da internet, denominada Web 2.0, proporcionou que o usuário seja mais participativo, gerenciando, criando, interagindo e compartilhando conteúdos digitais sem terem formação específica na área de tecnologia, o que pode ser apontado como marco didático na história da internet (TORI, 2010).

Para o criador da WWW, Tim Berners-Lee (1999), a Web 3.0, ou web semântica, seria o momento em que vivemos atualmente. As características principais da web semântica são as possibilidades de significados serem entendidos por pessoas e também por máquinas e a massificação do uso das redes sociais on-line. A principal utilização da web semântica se dá por meio das redes sociais, que não são novidades, pois o homem, em sua constituição histórica, precisou se agrupar para viver. Sobre esse agrupamento, denominado redes, existem as redes sociais off-line, que seriam os ambientes familiares, escolares, profissionais, entre outras; e as redes sociais on-line, intermediadas pela utilização das TIC.

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo, transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes tem vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (CASTELLS, 2003, p. 7).

Berners-Lee (1999) aponta ainda para o surgimento da web 4.0, após 2020, que teria como personagem central da utilização da web os próprios sistemas operacionais dos computadores, os quais seriam inteligentes – ou seja, seria a comunicação sofisticada e aprimorada entre máquinas e humanos. Indícios destas novas tecnologias aparecem, por exemplo, no uso do celular com comando de voz. O celular, que, no caso, funciona como um computador por ter um processador, consegue traduzir informações por voz e realizar algum tipo de ação, como fazer uma chamada telefônica. Essas tecnologias ainda serão aprimoradas e acessíveis à maioria dos usuários da telefonia móvel. Ainda não é possível considerar o momento da web 4.0 no tempo presente.

Com a popularização da internet e com a criação de ferramentas e softwares que cooperaram para a sua interatividade, possibilidades de formação superior e formação continuada também se popularizaram.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁹ em relação aos cursos superiores de EAD, no ano 2000 existiam 10 cursos de graduação, enquanto, em 2003, eram 52. Em 2007, somavam 97 instituições que ofereciam esses cursos, com aproximadamente 500 mil alunos matriculados entre aproximadamente 1.500.000 vagas disponíveis.

Os cursos superiores em EAD que são oferecidos atualmente, geralmente estão vinculados aos meios modernos de informação e comunicação, como a internet, e segundo Garcia (1997), se estabelece em uma perspectiva redentora, pois teria em seu objetivo formar profissionais de forma ágil para amenizar um problema comum da educação, que é a falta de vagas em estabelecimento de ensino superior.

Em São Paulo, referente à Educação à Distância, o grande polo de oferta de vagas de curso EAD gratuito refere-se ao programa Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), que possui um curso de graduação em Pedagogia, um curso de especialização em Ética, Valores e Saúdes na Escola, um curso de tecnologia em Processos Gerenciais, oferecidos por meio da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP); um curso extracurricular de inglês básico e um curso de espanhol básico oferecido por meio das Escolas Técnicas (ETECs) e Faculdade Técnicas (FATECs); e inaugurou em 2011 um curso semipresencial de licenciatura em Ciências por meio da Universidade de São Paulo (USP), o qual será 48% à distância. Além disso, o projeto proporcionou a criação de um canal de TV digital exclusivo para uso de tele aulas e apoio pedagógico (SÃO PAULO¹⁰, 2009).

Sobre o uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação na educação, tem-se que:

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença (KENSKI, 2007, p. 46).

É explícito que a educação avança rapidamente no século XXI e tem muito a ganhar com a utilização das TIC nas escolas, potencializando as atividades para esta geração que

⁹ Portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: www.inep.gov.br.

¹⁰ Portal UNIVESP: <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br>

necessita de respostas rápidas, simultâneas e dinâmicas, assim fica evidente o progresso da sociedade com sua utilização, necessitando apenas de adaptação, formação acessível e maior utilização aos usuários e aos formadores, no caso, os professores.

A modalidade EAD é a mais conhecida entre as modalidades que fazem uso central das TIC, pois sem o uso dos adventos das TIC, como o computador, os ambientes virtuais e a própria internet a EAD não é possível. A expansão dessa modalidade duplica os números de ofertas de vagas, e por isso se coloca, muitas vezes, como tema principal ao se discutir a relação entre as TIC e a educação.

Portanto, a importância de entender qual a formação que o professor que atuará nas escolas recebe durante a sua graduação, especificamente no caso de futuro pedagogos.

3 OS CURSOS DE PEDAGOGIA NO BRASIL

A formação de um indivíduo é possível por meio da educação recebida nos ambientes em que ela vive, ou seja, na família, na comunidade, na instituição religiosa e também na escola. Quanto à educação recebida, é dever do profissional da educação garantir a melhor qualidade de ensino, seja ele professor, coordenador, diretor ou até mesmo supervisores ou profissionais de cargos públicos das esferas do município, do estado ou representando o governo federal, como acontece com Secretários e Ministros da educação. Uma formação básica sólida pode proporcionar um bom futuro para este indivíduo e pode garantir que ele utilize estes conhecimentos em prol da sociedade um dia.

Segundo Jaeger (2003), a educação contemporânea pode ser analisada em relação à educação grega, ainda nos anos antes de Cristo, onde a Grécia Antiga perpetuava o pensamento da formação do homem nobre, com qualidades espirituais, físicas e morais para servir ao seu povo. Pode-se até considerar os antigos heróis como um modelo, como um professor que apresenta à criança aquilo que deve ser feito e quais serão seus valores. Essa criança, que sempre era do gênero masculino entre 7 e 14 anos, era acompanhada pelo pedagogo para ser um bom cidadão ou até mesmo para ser um bravo guerreiro como em Esparta.

A própria constituição da palavra *pedagogo*, que denomina os atuais professores responsáveis pela formação das crianças desde o jardim de infância até o fim dos anos iniciais do ensino fundamental, parte do grego. Segundo Houaiss (2001) o pedagogo representa o escravo que acompanhava as crianças, uma pessoa que ensina e tem a prática de ensinar em seu cotidiano, ou seja, aquele que conduz.

É importante frisar que neste período ainda não existiam as escolas que conhecemos hoje, portanto essas crianças tinham algumas atividades e tarefas que eram propostas pelos seus mentores ou pais, e esses pedagogos acabavam por auxiliar e conferir se as crianças se empenhavam para executá-las.

Temos então como ponto inicial o conceito de educação que existia na Grécia Antiga, que havia valorização da formação do homem ideal para aquela sociedade. Entretanto a formação de homem ideal era ainda muito restrita, pois essa formação era apenas para meninos, excluindo as meninas e possíveis escravos de guerra, o que fere todo o espírito democrático relacionado à Grécia Antiga.

3.1 Contexto histórico

No Brasil o conceito de educação começou com a vinda dos jesuítas para o país, que em 1549, acontecia interligando os ensinamentos evangelizadores e os ensinamentos básicos de educação. Pregando a ordem, a disciplina e seguindo padrões europeus se baseava em um ensino gratuito e de boa remuneração a estes professores. Detalhe a ser lembrado é que a educação era oferecida apenas aos meninos brancos e a evangelização aos indígenas.

Em 1759 os jesuítas foram expulsos do Brasil e as decisões da educação passaram a ser assumidas por Marquês de Pombal, primeiro ministro de Portugal, causando grandes alterações na estrutura de ensino brasileiro.

Em relação aos impactos causados por essa mudança, Azevedo (1958) afirma que esse acontecimento não representa a expulsão do sistema pedagógico pela substituição de outro, mas a destruição do que havia sido perpetuado até então, de forma que o sistema educacional brasileiro se estabelecesse em total desorganização, pois nenhuma medida imediata foi capaz de reduzir os efeitos desse fato.

Essas reformas trouxeram impactos também sobre o currículo, introduzindo disciplinas que não contextualizavam com a realidade do país como aconteceu com a adaptação das aulas régias no país:

A organicidade da educação jesuítica foi consagrada quando Pombal os expulsou levando o ensino brasileiro ao caos, através de suas famosas ‘aulas régias’, a despeito da existência de escolas fundadas por outras ordens religiosas, como os Beneditinos, os franciscanos e os Carmelitas (NISKIER, 1989, p. 34).

Podemos relacionar o início da desvalorização da profissão docente a esta época, pois os jesuítas que dedicavam seus estudos a este trabalho e até então eram respeitados e executavam suas tarefas seguindo um plano pedagógico, foram substituídos por profissionais não comprometidos e não preparados, além de trabalharem com um currículo falho. Referente a essas mudanças:

Não havia currículo, no sentido de um conjunto de estudos ordenados e hierarquizados, nem a duração prefixada se condicionava ao desenvolvimento de qualquer matéria. O aluno se matriculava em tantas aulas quantas fossem as disciplinas que desejasse. Para agravar este quadro, os professores eram geralmente de baixo nível, porque improvisados e mal

pagos, em contraste com o magistério dos jesuítas, cujo preparo chegava ao requinte (PILETTI, 1996, p. 36).

Referente a isso e ao rumo que a educação seguiu desde então, temos um grande movimento já no século XVII relacionado ao método:

as disciplinas, que, por natureza, são conexas, eram ensinadas sem atender às suas relações mútuas, mas mantendo-as separadas. Por exemplo: àqueles que principiavam a estudar os primeiros elementos das línguas, ensinava-se apenas a ler, deixando-se para alguns meses depois o ensino da escrita (...) Embora todas essas coisas (ler e escrever, palavras e coisas, aprender e ensinar) devam ser feitas tão simultaneamente como, quando se anda, se levantam e se abaixam os pés, quando se conversa, se ouve e se responde, quando se joga a bola, se atira e se recebe, como vimos já atrás, nos seus devidos lugares (COMÊNIO, 1996, p.274).

É explícita a preocupação com a interdisciplinaridade da educação há muito tempo. Grande parte da estrutura educacional, atualmente, parte principalmente desta obra, tendo a seguir um grande período de novas teorias, novos métodos, novas abordagens e grandes pensadores. Sobre a história da pedagogia, temos:

A história da pedagogia no sentido próprio nasceu entre os séculos XVIII e XIX e desenvolveu-se no decorrer deste último como pesquisa elaborada por pessoas ligadas à escola, empenhadas na organização de uma instituição cada vez mais central na sociedade moderna (para formar técnicos e para formar cidadãos), preocupadas, portanto, em sublinhar os aspectos mais atuais da educação-instrução e as ideias mestras que haviam guiado seu desenvolvimento histórico (CAMBI, 1999, p. 21).

Ao encontro do apresentado anteriormente, Nóvoa (1995) apresenta a ligação dos ideais iluministas, a partir do século XVII, para a desestabilização do modelo vigente, com o Estado assumindo a responsabilidade pela educação antes relacionada à Igreja, proporcionando a democratização do conhecimento e igualdade ao acesso escolar.

Apesar de toda essa movimentação e desestabilização citada, a educação, no Brasil, segue um modelo considerado tradicional, por investir em métodos de memorização e repetição. A pedagogia tradicional perpetuou pelo Brasil durante décadas, o que só foi novamente modificado com o acontecimento de 1932 do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que trazia ideias opostas e que reconceituavam a função social da escola, o que de acordo com Saviani (1999) se tratava de uma reconstrução que propunha organicidade ao sistema educacional e também a ruptura entre católicos e liberais.

No Brasil, as escolas apresentavam estruturas problemáticas desde 1890. Para Saviani (2009), as escolas foram prejudicadas após as reformas paulistas e acabaram sendo desvalorizadas de certa forma, por diversos problemas de estrutura em seu projeto político pedagógico e também em relação aos profissionais que ali lecionavam. O que acabou por culminar na criação de cursos como Normal Superior e o próprio curso de Pedagogia posteriormente.

Para que isso pudesse acontecer, ainda era preciso estruturar o ensino superior para que ele suportasse esses cursos. De acordo com Saviani (2008), em 1931, a partir do Decreto nº 1.9851/31 que previa o Estatuto das Universidades Brasileiras, surgiu a Faculdade de Educação, Ciências e Letras. O primeiro curso superior de formação de professores foi criado em 1935, e o curso visava formação para professores do curso de Normal Superior e também para as instituições escolares.

Segundo Niskier (1989), em 1939, o decreto nº. 1.063 firmou a transferência de departamentos de ensino da Universidade do Distrito Federal para a Universidade do Brasil. A Faculdade de Educação foi incorporada pela Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, inaugurando os cursos de Pedagogia e de Didática.

Para regulamentar a estrutura desses cursos temos o decreto lei n. 1.190 de 04 de abril de 1.939, que de acordo com Silva (2006), possuía formação ampla, em um esquema que ficou conhecido por 3+1, que seriam as disciplinas relacionadas aos fundamentos da educação, o bacharelado pelos primeiros 3 anos e depois 1 ano de licenciatura, que seriam apenas disciplinas didáticas. Com esta formação diversificada os profissionais podiam trabalhar em diversas áreas.

Neste período, o país e o mundo passavam por dias conturbados. A Segunda Guerra Mundial afetava o andamento da maioria dos países e isso pode contribuir para o não avanço educacional. No Brasil, em seguida da Segunda Grande Guerra, temos ainda o período da Ditadura Militar, a partir de 1964.

A partir de exigências da época do Golpe Militar de 1964, tínhamos a lei n. 5.692/71, que de acordo com Saviani (2009) modificou a estrutura do ensino primário e médio, seus currículos e também a estrutura de cursos de magistério. Para atuar até a quarta série o curso necessário correspondia a 2.200 horas (em três anos), enquanto para atuar até a sexta série era necessário cursar o magistério de 2.900 horas (em quatro anos). Tamanho problema levou ao governo lançar em 1982 o projeto Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAMs) que foi descontinuado apesar dos resultados positivos.

Atualmente, o curso de Pedagogia é responsável por formar os profissionais que lecionarão para as crianças até o quinto ano do ensino fundamental e assumirão vagas de coordenação e direção na escola, mas havia alternativas para se tornar professor, pois até a década de 1990 o número de professores leigos (sem formação específica) era grande. Questão essa que só foi padronizada após a Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Esta lei recriou o curso de Normal Superior, que segundo Kishimoto (1999) dividiu a formação docente da formação universitária, com cursos de menor tempo de duração e que contribuíram para desqualificação dos profissionais que atuavam nas escolas. Em contrapartida, o projeto possuía o intuito de formar os professores que já lecionavam, pois até 1998 o Brasil somava aproximadamente 20 mil professores com ensino fundamental incompleto, atuando em salas de educação infantil e salas de alfabetização.

O conjunto que forma a Lei nº. 9.394 é conhecida como Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e dispõe sobre estrutura curricular, estrutura de financiamento financeiro e também sobre as exigências que profissionais da educação teriam que se submeter. A LDB previa que em 10 anos os professores do ensino médio e fundamental deveriam ser formados no ensino superior. Os que já atuavam no ensino fundamental deveriam ter ao menos o curso de Magistério.

3.2 Demandas atuais

Com o desenvolvimento do pensamento sobre educação as correntes filosóficas e teorias de ensino e aprendizagem surgiram com mais frequência. Algumas vezes com metodologia prática para ser aplicada em sala de aula e outras vezes com teorias fatalistas, que entendiam que a educação serviria de mecanismos a favor do liberalismo.

A partir de então, as inovações no campo da educação aconteceram frequentemente, e geralmente acompanharam os ânimos de países europeus e também dos Estados Unidos da América. Entre os diferentes movimentos da educação, Saviani (2001) categoriza-as em dois grupos: as teorias não-críticas, as teorias crítico-reprodutivistas. Ainda apresenta uma teoria crítica que é síntese de sua pesquisa.

As teorias não-críticas são conhecidas como pedagogia tradicional, pedagogia nova e pedagogia tecnicista, e são abordadas por Saviani como teorias que consideram a educação

como instrumento de equalização social, de superação da marginalidade, tratando a sociedade como harmoniosa sendo afetada por indivíduos que sofreram algum tipo de desvio comportamental, assim, surgindo a escola como instituição de correção desses desvios de comportamento. O que proporcionaria a formação de uma sociedade igualitária. Em síntese, para o autor, o cerne da pedagogia tradicional é aprender, da pedagogia nova é aprender a aprender e para a pedagogia tecnicista é aprender a fazer.

Em contrapartida as teorias crítico-reprodutivistas consideram a sociedade já repartida em diversas classes sociais e entende que isso a afeta, mas conclui que a educação consiste na reprodução da sociedade em que ela está inserida. Temos assim a Teoria do Sistema de Ensino como Violência Simbólica (Pierre Bordieu e Jean Claude Passeron), Teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado (Luis Althusser) e Teoria da Escola Dualista (Roger Establet e Christian Baudelot). Portanto, o que reúne essas abordagens pedagógicas no mesmo grupo é o fato delas compartilharem a ideia de que a educação não colabora para a evolução igualitária da sociedade, e sim por acabar de firmar a desigualdade social e divisão entre as classes (SAVIANI, 2001).

O trabalho docente na atualidade requer paciência e dedicação, pois as principais barreiras que os professores encontram nas instituições escolares por todo o Brasil é a falta de estrutura das escolas e a desvalorização em relação à classe docente. Arelado a estes fatos, temos ainda um déficit de professores generalizado pelo Brasil e também um piso salarial geralmente abaixo de R\$1.200. Tais fatores fazem com que professores recém-formados procurem trabalhar em áreas diferentes daquela que estudou na graduação.

A falta de professores já era mencionada principalmente nas áreas de matemática, química, biologia e física, somando 250 mil vagas não ocupadas nas escolas por todo Brasil (MEC, 2005)¹¹.

Um fator que torna a profissão docente desinteressante aos jovens, tanto do sexo masculino quanto no sexo feminino, de acordo com Gatti (2000) são os baixos salários e a desvalorização social, e assim direcionam-se para outras carreiras aumentando o déficit de professores nas redes de ensino.

Takahashi¹² (2012) aponta que neste ano letivo foi constatada a falta de 32% no quadro de docentes das escolas públicas da cidade de São Paulo, representando 343 vagas não preenchidas. No ensino médio e fundamental dos anos finais, as disciplinas que possuem

¹¹ Portal do Ministério da Educação: www.portal.mec.gov.br.

¹² Portal Eletrônico Folha de São Paulo: www.folha.uol.com.br

maior déficit de professor são de geografia, artes, matemática e sociologia. Os motivos são inúmeros e os mais recorrentes são a escolha livre para o profissional seguir outra carreira mais rentável, a substituição por mudança de cargo e também as licenças médicas.

Além dessas condições que o professor encontra em sala de aula, também as encontram em sua formação. A educação se renova a cada dia e os alunos estão cada vez mais ávidos por essa mudança. Esta atualidade exige dos professores estudo dinâmicos e incessantes, pois para conseguir ensinar a utilização e fazer uso pedagógico de todos os recursos que as TIC possibilitam, é necessário que o professor se mantenha atualizado.

Segundo Almeida (1999) a informática é um novo domínio da ciência que carrega a ideia de pluralidade, de reflexão, de intercâmbio de saberes, e que por isso, o professor deve estar preparado para atender aos diferentes tipos de discentes que encontrará na escola, pois existirá na escola o aluno que sabe usar um recurso melhor que o professor e aquele aluno que ainda não o conhecia. Portanto, cabe ao professor fazer o uso pedagógico destes recursos, mostrando novas possibilidades, assim, proporcionando novas informações à todos esse alunos.

A informática, de certo modo as TIC, torna-se assim importante tanto na formação desses professores, quanto em suas atuações, pois o professor que não acompanhar esse novo ritmo da educação poderá ter as dificuldades em se formar na graduação e também problemas quando trabalhar com uma sala onde a utilização de tais recursos tecnológicos seja incentivada.

A utilização das TIC no Brasil, segundo Valente (1997) ocorreu a partir de incentivos das universidades brasileiras em assimilar teorias e tendências dos Estados Unidos da América e na Europa, em países como a França e a Espanha.

Os professores precisam se atualizar e acompanhar esse ritmo, para que os jovens alunos recebam educação de qualidade e educação fornecida com o compromisso do professor, além de poderem refletir e criar condição crítica para analisar o uso dessas TIC, para que elas não sejam introduzidas sem estarem ligada aos objetivos da educação.

Para Snyders (1996) os jovens que cursam graduação devem se formar e atuar, de modo que seus sonhos prevaleçam nas crianças, que assim tornam-se criações de seus professores. O autor utiliza o termo sonho para expressar que enquanto os professores não possuem os instrumentos eficazes acabam por permanecer no plano de sonho, sem concretizar. Assim se confirma a necessidade do professor se atualizar, se instrumentalizar e vencer as barreiras que acabam encontrando para sua atuação.

Esse processo que influencia o trabalho docente é recente, mas já poderia ser previsto com base no que os países mais avançados no ramo da tecnologia e educação apresentavam como concepções de ensino.

Desta forma faz-se necessário apresentar o contraste da educação que temos hoje da realidade que foi apresentada por Niskier (1989), pensando no ano de 2000, onde previa a educação em casa, pela televisão ou por métodos de aprendizagens computadorizados, o uso generalizado de computadores e o controle da fadiga e estimulação da memória a partir de drogas. Essas previsões foram praticamente todas concretizadas, pois no ensino superior a educação totalmente a distância já é possível por meio de cursos EAD e as drogas mencionadas também são utilizadas, sejam elas lícitas ou não.

Em relação a formação do professor, Valente (1993) salienta que os conhecimentos necessários não são adquiridos por treinamento, e sim pelo próprio processo de formação que é dinâmico, integrador, com reflexão sobre a prática e a teoria – a práxis.

Todos esses itens estão incorporados no currículo da formação do professor, e por isso, este é o nosso próximo objeto de investigação.

4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS TIC

Para analisar a formação de professores, é essencial compreender e estudar o currículo desses cursos de licenciatura. Entender sua função, seu envolvimento entre os indivíduos da escola (pais, alunos, funcionários e professores), e a relação do currículo com o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Santiago (2006) aponta que é importante analisar o currículo para entender o que ele propõe, qual seu objetivo, o que ele pode alcançar, enfim o que ele pode fazer pela escola, seja essa contribuição negativa ou positiva.

O PPP se constitui em três dimensões: projeto que relaciona propostas para execução em um tempo planejado; político por considerar a escola como ambiente de formação de cidadania, e pedagógico por organizar e definir as atividades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem. Portanto, o PPP concretiza a estrutura do currículo nas escolas. Contribui para a organização do trabalho pedagógico e para a elevação da qualidade do ensino. Nesta organização a escola se valoriza com a gestão democrática, favorecendo o relacionamento entre funcionários, professores, alunos e a comunidade.

O currículo pode ser usado como reprodução do controle social por uma classe dominante, como aponta Apple (2006), que historicamente o currículo era produzido sempre pensando em prevalecer uma classe em dominância, muitas vezes excluindo algum conteúdo importante de algumas escolas para prejudicar o acesso às informações para determinadas classes sociais. Além dessa influência atribuída ao currículo explícito, que seria aquele declarado e firmado no planejamento dos cursos, temos os efeitos do currículo oculto, que atribui características de ideologização política e disciplina comportamental.

Entretanto, para elucidar esta pesquisa, o foco de nossa explanação curricular é em relação ao currículo com a formação dos futuros professores no que diz respeito a preparação para o uso das TIC em sala de aula.

4.1 Discussões curriculares

A importância de se pesquisar sobre o currículo se firma ao entender a relação que ele possui com os objetivos da escola e o que ele pode contribuir para a formação do aluno.

Segundo Horkeimer (1983), não é mais possível estudar o currículo de forma singular, pois o estudo de diferentes áreas sobre currículo possibilitaram diversas interpretações, e assim, a partir da contribuição de áreas como a Filosofia e a Sociologia, o estudo da teoria curricular se transformaria em estudo das teorias sobre a realidade curricular.

Assim, essas diversas teorias contribuem para diferentes maneiras de se criar e praticar um currículo em uma escola. Para Moreira e Silva (1994), o currículo é um espaço de entaves entre classes, que por meio de tensões produz e reproduz a cultura, ou seja, serve tanto como mecanismo de manipulação de ideologias, quanto para propagar o conhecimento historicamente acumulado.

Do mesmo modo que a educação teve seu processo de evolução histórica, o currículo também possui seu quadro de evolução. Para melhor entendermos as concepções sobre o currículo temos de compreender as principais características e conceitos das teorias denominadas tradicionais, críticas e pós-críticas (SILVA, 1999, p. 17):

- Tradicional: ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência e objetivos.
- Críticas: ideologia, reprodução cultural e social, poder, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência.
- Pós-críticas: identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo.

As ideias apresentadas pelo autor se enquadram por analogia com as ideias de Saviani (2001), onde existem as teorias que perpetuam o pensamento de organização, disciplina, eficiência, que seria a Tradicional. As teorias críticas que apontavam alguns conceitos para elucidar sobre a educação e sobre a teoria do currículo, mas não apresentavam estruturas práticas. E por fim, as teorias pós-críticas que proporcionariam reflexão e criticidade para os alunos. É importante entender a analogia dos termos, pois para Saviani o multiculturalismo possui características de exclusão.

Até então, nos referimos do currículo escolar que é explícito, visível para qualquer pessoa da escola ou para a comunidade. Mas ainda temos de considerar o currículo oculto, que são as concepções que uma escola impõe a partir de individualidades dos professores ou funcionários, ou até mesmo a partir de coletividades não declaradas por escrito. Os ensinamentos religiosos que uma professora transmite em uma escola pública, por meio de

pequenas passagens escritas na lousa, podem ser considerados parte de um currículo oculto, já que a religião não é conteúdo obrigatório da grade escolar.

Para Apple (2006), o currículo oculto, apesar de sempre parecer neutro, e ora parecer ideologicamente carregado de preceitos políticos, possui qualidades positivas e negativas. Negativas quando essa neutralidade é tomada pela dominância de uma minoria ou imposições de conceitos não escolares, e também podem ser positivas por apresentarem diferentes conteúdos aos alunos que lhes podem ser úteis em algum tempo determinado de suas vidas.

Com base no que foi apresentado até então, podemos entender que o mesmo processo dinâmico que acontece com a evolução das TIC tende a ocorrer com o progresso das teorias do currículo, pois o currículo necessita de transformações para atender a sociedade atual.

Segundo Silva (1999), não se pode desprezar o conceito de currículo construído até então, mas ele deve ser atualizado, repensado e sempre refletido para que sirva à sociedade de forma positiva, pois o currículo é o que caracteriza nossa sociedade.

Portanto, faz-se necessário o estudo do currículo dos cursos de Pedagogia dos campi da UNESP para entender a relação que as propostas atuais possuem com o trabalho com as TIC.

4.2 A proposta de unificação curricular

Um estudo sobre os atuais cursos de Licenciatura em Pedagogia de todos os campi da UNESP foi realizado por Vera Teresa Valdemarin a pedido da Pró-Reitoria da Graduação da mesma universidade. Um estudo referente a organização curricular desses cursos, que poderiam contribuir para implementar projetos integrados entre os campi, facilitar a mobilidade estudantil interna à UNESP e estabelecer uma formação sólida entre os Cursos de Pedagogia desta Universidade.

É instituída as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura, resolução CNE/CP nº. 1, de 15 de Maio de 2006, que visa estipular padrões para os cursos de formação de Pedagogos, onde os futuros professores tenham acesso à conteúdos mínimos para garantir uma formação geral.

Esta resolução define ainda questões estruturais sobre a temporalidade. A carga horária mínima seria de 3.200 horas, sendo que 2800 horas seriam dedicadas às atividades formativas, ou seja, as aulas propriamente ditas; 300 horas para Estágios Supervisionados, prioritariamente no âmbito da Educação Infantil, das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e

na gestão escolar. As 100 horas restantes seriam destinadas às atividades teórico-práticas de aprofundamento, que os alunos desenvolveriam com ações como iniciação científica, de extensão, de monitoria ou de participações em eventos científicos acadêmicos.

Os cursos de Pedagogia da UNESP estão distribuídos por seis campi, Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto, totalizando 435 vagas. Todos os cursos possuem conceito superior a 3 na avaliação do ENADE em 2008, exceto o campus de Rio Claro que não recebeu conceito. Na avaliação feita pelo Guia do Estudante todos possuem conceito igual ou superior a 4.

Os cursos de Araraquara e Marília foram criados ainda nos anos de 1950, posteriormente os cursos de Presidente Prudente e Rio Claro, e mais recentemente os cursos de Bauru (2001) e São José do Rio Preto (2004).

Os atuais cursos estão estruturados conforme a Resolução de 2006 e apresentam pequenas variações entre total de créditos, carga horária de aulas e carga horária de estágios (única exceção é Araraquara que exige estágio com 500 horas, enquanto os outros campus apresentam em média 300 horas, e em contrapartida não exige Trabalho de Conclusão de Curso – TCC).

Entre as 109 disciplinas encontradas por Valdemarin (2009) nos cursos de Pedagogia, 15 são consideradas como fundamentos da educação, ou seja, base comum para qualquer curso de Pedagogia. Os cursos dedicam basicamente dois semestres para estas disciplinas fundamentais, sendo o campus de Bauru o único que não apresenta aprofundamento em Sociologia da Educação e uma disciplina exclusiva para o estudo da Didática. Em contrapartida, o campus de Bauru promove durante todo o curso disciplinas denominadas ‘eixo articuladoras’ que são as disciplinas comuns de ‘Prática de Ensino’, onde o estudo da didática encontra-se presente em alguns semestres.

De forma geral, os cursos de Pedagogia da UNESP se mostram com disciplinas fundamentais semelhantes, pequenas variações entre as disciplinas que envolvem o trabalho com áreas específicas como Matemática, Língua Portuguesa, Artes, Ciências, História e Geografia.

Um dos objetivos da pesquisa realizada é demonstrar as estruturas curriculares para que possa ser analisado se existe alguma disciplina ou estrutura que pode ser aproveitada por outro campus, elevando assim a qualidade de formação da UNESP.

Em relação aos estudos de tecnologia, apenas o campus de Bauru apresenta disciplinas dedicadas ao tema, que seriam elas: “Educação e Tecnologia” e “Recursos Tecnológicos aplicados à Educação”. Portanto, as disciplinas que podem trabalhar exclusivamente o uso

dos recursos educacionais possíveis a partir das TIC são oferecidas apenas no campus de Bauru, o que poderia ser analisado e incorporado em outros campus, já que o tema se torna tão atual e importante de ser tratado na formação de professor, como já evidenciado neste trabalho.

Valdemarin (2009) encerra sua contribuição com uma série de indicações que os campi poderiam analisar referente à estrutura curricular dos cursos de Pedagogia, tornando comum alguns conteúdos que são tratados exclusivamente em alguns campi, como acontecem com os estudos de educação inclusiva no campus de Marília e sobre tecnologia no campus de Bauru. E, também sobre possíveis mudanças de nomenclatura em alguns cursos, para que facilitasse o processo de transferência interna de alunos.

5 OS DADOS DA PESQUISA

Conforme os objetivos estabelecidos para a construção do presente trabalho, um deles – cujo percurso já foi apresentado ao longo dos capítulos que antecederam esta seção – demandou o levantamento de produções e documentos que enfocavam, de alguma forma relevante à pesquisa, informações relacionadas às TIC, à formação de professores e às estruturas curriculares para a formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNESP. O segundo objetivo, em síntese, visou identificar a opinião de alunos do referido curso da UNESP (especificamente, do Campus de Bauru) sobre a importância do uso das TIC – com o foco na modalidade de EAD utilizando Ambientes Virtuais de Aprendizagem, no caso, o Moodle¹³ –, tanto na aprendizagem do professor em formação, quanto no emprego destes recursos no exercício profissional.

As técnicas de pesquisa e análise serão apontadas com mais detalhes no decorrer desta seção. Contudo, como foram delimitados dois objetivos distintos e os meios para alcançá-los exigiu o emprego de técnicas próprias – dado o caráter diferenciado das duas etapas da pesquisa –, o método utilizado em cada uma delas será apresentado separadamente. Assim, serão devidamente consideradas as especificidades de cada etapa da pesquisa, as quais serão denominadas, aqui, como: “Primeira Etapa: Levantamento Documental e Bibliográfico” e “Segunda Etapa: Pesquisa de Opinião”, conforme descritos os objetivos anteriormente.

5.1 Primeira Etapa: Levantamento Documental e Bibliográfico

A técnica empregada nesta primeira etapa da pesquisa – entendendo técnica como o conjunto de preceitos e processos necessários ao atendimento dos propósitos de determinada ciência (MARCONI e LAKATOS, 2003) – foi a de documentação indireta. Segundo as referidas autoras, toda pesquisa implica o levantamento de dados de várias fontes, e este levantamento pode ser realizado de duas formas principais: por meio da pesquisa documental

¹³ Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle) é um sistema de administração de atividades educacionais através da criação de comunidades online em ambientes virtuais de aprendizagem. Foi criado, em 2001, pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas. Fonte: www.moodle.org.

e por meio da pesquisa bibliográfica. No caso desta primeira etapa do trabalho, foram empregadas as duas formas de pesquisa.

Durante o processo de pesquisa bibliográfica, conforme observado ao longo dos quatro capítulos anteriores, foram reunidos materiais que contribuíssem para uma discussão acerca do que são as TIC e como elas são representadas na sociedade e na educação; como os cursos de Pedagogia foram estruturados no Brasil ao longo da história; e, por fim, a necessidade de um espaço para o estudo das TIC nas grades curriculares, visando o preparo do professor para sua utilização no exercício profissional. Os critérios para a escolha do material bibliográfico partiu da seleção dos principais autores (ou seja, dos autores citados com maior frequência) que falam sobre os temas abordados.

O terceiro aspecto do material teórico levantado – a discussão curricular, relacionando a formação de professores e a necessidade de conhecimento sobre as TIC – também contou com uma pesquisa documental, cuja fonte procedeu de arquivos públicos estaduais (MARCONI e LAKATOS, 2003) e de um levantamento realizado por Vera Teresa Valdemarin¹⁴. Assim, a pesquisa documental se configurou no estudo da estrutura curricular dos atuais cursos de Licenciatura em Pedagogia de todos os campi da UNESP. A análise minuciosa das variações curriculares nas diversas cidades que contam com o curso de Pedagogia teve como propósito a identificação de espaços reservados para a discussão sobre as TIC, bem como para o preparo dos professores para a possível utilização destes recursos em sua atuação profissional.

A constatação de que apenas o curso de Pedagogia da UNESP, campus de Bauru, possui um espaço no currículo para o estudo de recursos tecnológicos serviu como subsídio para a segunda etapa da pesquisa, a qual seja: o levantamento e análise de opiniões dos alunos do curso de Pedagogia da UNESP-Bauru sobre o uso das TIC – mantendo o foco sobre a modalidade de EAD – em sua formação acadêmica.

5.2 Segunda Etapa: Pesquisa de Opinião

A segunda etapa deste trabalho, como já mencionado anteriormente, partiu da constatação de que apenas os alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNESP-

¹⁴ Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara.

Bauru, têm garantido, pela estrutura curricular, o acesso ao estudo da tecnologia e dos recursos tecnológicos para sua formação e atuação profissional. As disciplinas reservadas a este estudo são “Educação e Tecnologia” e “Recursos Tecnológicos Aplicados à Educação”, presentes, respectivamente, nas grades curriculares do primeiro e terceiro anos do curso. A população da pesquisa de opinião se restringiu aos alunos que participavam destas disciplinas no momento da coleta de dados.

5.2.1 População e Amostra

A proposta da pesquisa de opinião foi realizada no segundo semestre de 2011, a população delimitada para a pesquisa de opinião foi a dos alunos do primeiro e terceiro anos do curso de Pedagogia da UNESP, campus de Bauru, que estavam matriculados, respectivamente, nas disciplinas de “Educação e Tecnologia” e “Recursos Tecnológicos Aplicados à Educação”. A amostra do primeiro ano contou com um número de 36 alunos dos cerca de 40 matriculados, enquanto a amostra do terceiro ano contou com um número de 36 alunos dos cerca de 50 matriculados.

5.2.2 Coleta de Dados

São inúmeras as técnicas de investigação disponíveis para a coleta de dados. Entre elas, pode-se citar: a documentação direta e indireta, a observação, a entrevista, o questionário, as escalas sociais e os testes. A escolha de uma técnica depende, essencialmente, dos objetivos estipulados pelo pesquisador.

No caso deste trabalho, a técnica que se mostrou mais adequada ao atendimento dos objetivos delimitados foi o questionário. O questionário, segundo Gil (1999), pode ser definido como a técnica de investigação na qual um determinado número de questões é apresentado por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de suas opiniões, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. Complementarmente, Marconi e Lakatos (2003) chamam a atenção para as diferentes formas como este instrumento pode ser empregado: com perguntas abertas, fechadas e/ou de múltipla escolha. Além disso, as

perguntas podem ser classificadas como Pessoais (ou Diretas) e Impessoais (ou Indiretas), dependendo da forma como foram construídas.

A partir destas considerações iniciais, a coleta de dados realizada nesta pesquisa ocorreu mediante a aplicação de um questionário estruturado, com perguntas abertas e pessoais (diretas), disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Moodle. A escolha de perguntas abertas se deu pela busca de um espaço no qual os alunos pudessem responder livremente, usando a linguagem própria na emissão de suas opiniões (MARCONI e LAKATOS, 2003). A opção por perguntas diretas, por sua vez, foi viabilizada pela oportunidade que os alunos tiveram de vivenciarem, eles mesmos, o uso dos recursos tecnológicos. Foi possível, desta forma, direcionar as perguntas às vivências particulares, incluindo no discurso o próprio participante.

O questionário utilizado teve o caráter auto-aplicativo, não exigindo a presença de um pesquisador para realizar as perguntas, face-a-face, aos alunos. Estes, por sua vez, acessaram e responderam às questões disponibilizadas pelo pesquisador em um fórum do AVA do Moodle. A disponibilização das questões foi realizada no ambiente virtual porque o acesso a esta ferramenta tecnológica fez parte das atividades desempenhadas pelos alunos no decorrer das duas disciplinas. Assim, após a exploração daquele ambiente virtual, os alunos foram solicitados a opinarem e se posicionarem sobre questões referentes a esta experiência e, especificamente, à modalidade de EAD.

Entre as principais vantagens do instrumento de investigação questionário, apontadas por Gil (1999), estão: a) a possibilidade de as pessoas responderem nos momentos que julgarem mais convenientes; b) a não exposição dos pesquisadores à influência das opiniões e aspectos pessoais do participante; e c) a possibilidade de atingir grande número de pessoas dispersas em diferentes áreas geográficas. Entre as limitações deste instrumento está a falta de garantia de que todas as pessoas solicitadas responderão ou, então, de que todas as perguntas serão respondidas por cada participante – limitação, esta, que foi identificada durante o andamento da pesquisa.

5.2.3 Organização e Análise dos Dados

A organização e análise dos dados obtidos por meio dos questionários contaram com um estudo descritivo com abordagem metodológica qualitativa – no sentido de apresentar, em

categorias, os resultados sistematizados – e quantitativa – no sentido de quantificar o número de respostas classificadas em cada uma das categorias.

O estudo de natureza descritiva, segundo Richardson et al. (2008, p. 71), propõe-se a descobrir as características de um fenômeno como tal. “Nesse sentido, são considerados como objeto de estudo uma situação específica, um grupo ou um indivíduo”. A abordagem metodológica quantitativa, ainda segundo este autor, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. O método qualitativo, por outro lado, difere-se do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema, mas justifica-se por ser “uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 2008, p. 79).

Dada a contextualização dos métodos empregados para a análise e organização dos dados, pode-se avançar ao dizer que as respostas dos participantes foram atentamente analisadas e categorizadas, de acordo com o grau de proximidade entre as ideias expressas pelos alunos. Após a categorização, houve uma quantificação do número de participantes que tiveram suas respostas incluídas em cada uma das categorias.

A opção de apresentação dos dados do questionário em forma de categorias foi realizada em conformidade com os três princípios de classificação de respostas delimitados por Minayo (1999). São eles:

- a) o conjunto de categorias deve ser estabelecido a partir de um único princípio de classificação;
- b) o conjunto de categorias deve ser exaustivo, ou seja, deve permitir a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto;
- c) as categorias devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de duas categorias.

Na próxima seção serão expostas a) as categorias criadas a partir da análise das respostas, b) a quantificação das respostas incluídas em cada categoria e c) a discussão necessária à reflexão sobre os dados obtidos. A apresentação desta quantificação será realizada por meio de sete figuras, referentes às sete perguntas do questionário. Para fins de ilustração, também serão apresentados trechos de respostas contendo aspectos do que foi discutido em cada questão.

6 AS TIC NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNESP: RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

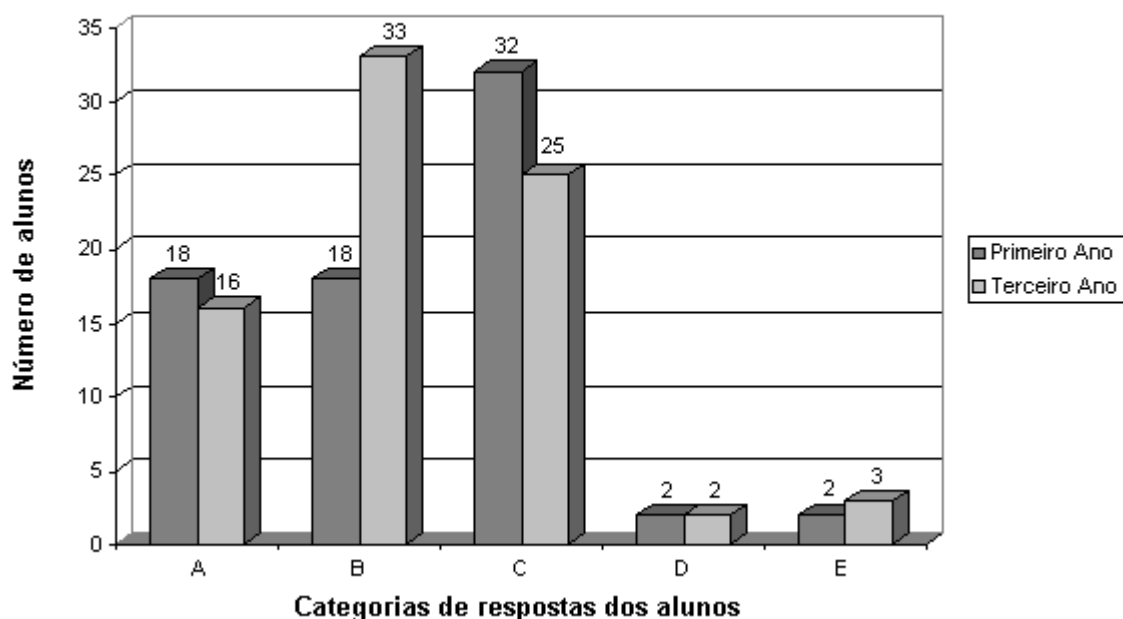
Como as respostas das turmas de “Educação e Tecnologia”, do primeiro ano do curso de Pedagogia (UNESP-Bauru), e de “Recursos Tecnológicos Aplicados à Educação”, do terceiro ano do mesmo curso, foram semelhantes na maioria dos aspectos, optou-se por categorizá-las e discuti-las de forma conjunta, embora separando, quantitativamente, o número de respostas de cada turma em relação às categorias.

Questão 01: Quais são os aspectos positivos dessa modalidade de ensino?

Categorias construídas a partir das respostas:

- A) Facilidade para realizar atividades em qualquer local.
- B) Democratização: Ensino Superior é ofertado em todo o país.
- C) Facilidade para realizar atividades em qualquer horário.
- D) Vantagem para quem tem dificuldade de se expressar pessoalmente (timidez).
- E) Possibilidade para educação inclusiva de pessoas com deficiência.

Gráfico 1 - Aspectos positivos da modalidade de EAD



Os aspectos positivos dispostos nas categorias “C” e “B” foram os mais frequentes entre as respostas dos alunos à Questão 01 – lembrando que cada participante podia apontar mais de

um aspecto positivo sobre a modalidade de EAD. Os alunos identificaram como importante o fato de poderem realizar suas atividades no horário em que preferem, não se prendendo aos horários padronizados, comuns às modalidades de ensino presencial. A categoria “B” está de acordo com Bóron (2000), sobre a democratização do acesso ao Ensino Superior.

Os alunos entenderam, também, que a modalidade de EAD favorece as pessoas que não dispõem de cursos próximos a sua residência, como acontece com os Estados brasileiros mais afastados da região Sudeste. Na categoria “A”, por exemplo, foram discurridas as vantagens de se matricular em um curso à distância por não ser necessário frequentar o local estabelecido para as atividades, realizando-as em local de livre escolha.

As respostas referentes às categorias “D” e “E” foram pouco frequentes, sendo a segunda representante de uma área não contemplada nesta pesquisa, mas reconhecidamente importante para estudos posteriores.

Dado interessante observado nesta questão foi que, entre os alunos do primeiro ano, as respostas mais frequentes focaram aspectos pessoais – ou seja, do próprio aluno de EAD. Isso pode ser observado, como exemplo, na categoria “C”. Por outro lado, entre os alunos do terceiro ano, a categoria mais representativa foi a “B”, referente às políticas públicas de ensino – no caso, a democratização do acesso ao Ensino Superior. Este dado pode ser reflexo de discussões mais específicas realizadas em momentos diferentes do curso, sendo o aluno ingressante ainda pouco exposto a assuntos acadêmicos relacionados às políticas públicas.

Quadro 1 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 01

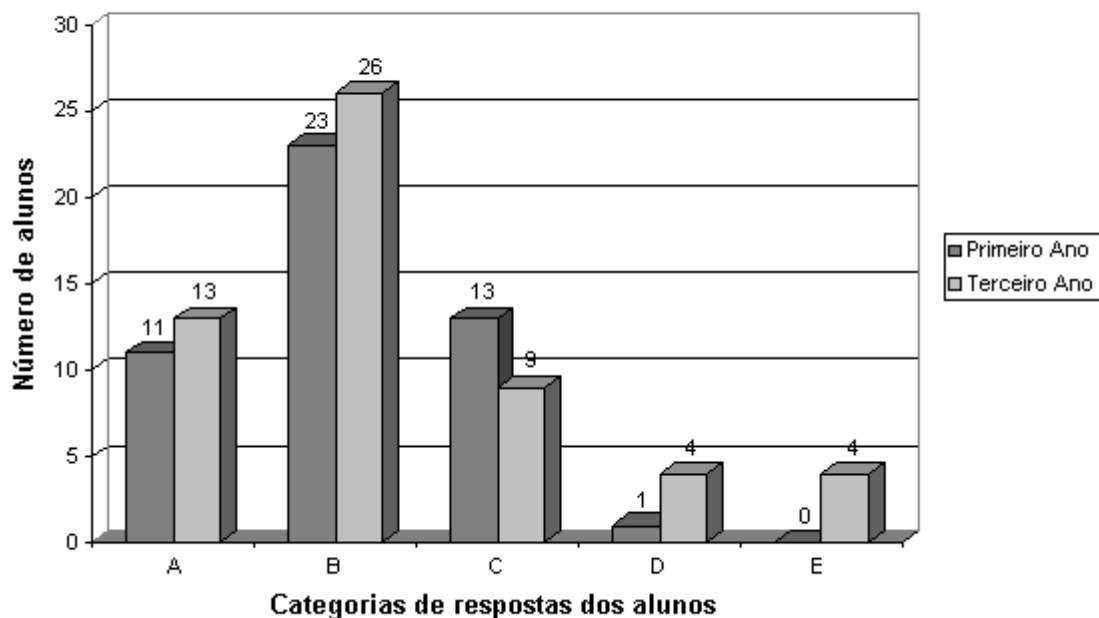
“Os **aspectos positivos** da Educação a Distância são, em primeiro lugar, a facilidade com que esta chega a lugares mais isolados, que talvez um professor, uma escola seria mais difícil. E também as pessoas que mesmo não morando tão afastadas, por algum motivo não conseguem ir até a faculdade, poderiam fazer seus horários estudando em casa pelo computador. Por exemplo, pessoas que trabalham em horários diversos não podem assumir o compromisso de estar presente em tal horário na instituição de ensino; ou pais não precisariam arrumar alguém para ficar com seus filhos enquanto vão à escola/faculdade, pois estudarão em casa. E também na EAD não haverá distinção de um curso para tal região ser melhor do que o de outra, pois independentemente do lugar aonde você esteja o curso será igual para todos”.

Questão 02: Quais são os aspectos negativos dessa modalidade de ensino?

Categorias construídas a partir das respostas:

- A) Dependência da tecnologia: problemas técnicos.
- B) Falta de interações professor-aluno, aluno-aluno e de espaço para debates.
- C) Falta de disciplina dos estudantes brasileiros.
- D) Desvalorização do trabalho docente.
- E) Estranhamento no mercado de trabalho.

Gráfico 2 - Aspectos negativos da modalidade de EAD



Como categoria predominante nesta questão, a “B” prevaleceu entre as duas turmas, apesar de alguns participantes defenderem que os ambientes virtuais proporcionam debates melhores, pois é on-line e o usuário participa quando lhe for conveniente.

É interessante frisar o que aponta McLuhan (1971) sobre o uso cotidiano das tecnologias as tornarem invisíveis, ou seja, nos cursos presenciais já é possível notar aproximação entre os alunos utilizando as redes sociais on-line, e pode-se entender que esse espaço em cursos EAD seja incentivado e supervisionado.

Foi bastante comentada a relação da dependência da tecnologia, tendo em vista que, em muitos casos, os alunos não dispõem dos recursos necessários ao acesso desta modalidade de ensino.

A categoria “A” resume problemas gerais com a internet, com o computador e problemas técnicos com as plataformas virtuais. Entendendo que o foco representativo desta

pesquisa foi o EAD, podemos ainda inferir que as TIC, de forma geral, também abordam estes problemas técnicos com computadores ou com a rede de internet. Segundo Almeida (1999), a informática está em grande expansão e é importante que os professores estejam preparados para usá-las e ensinar o seu uso. Os problemas técnicos acabam acontecendo nos cursos EAD e também nos cursos presenciais, mas alguns cursos EAD dependem exclusivamente desses aparatos tecnológicos, e, por isso, este problema parece ter impacto maior.

As demais categorias, embora sejam minorias, expressaram opiniões que também são relevantes. Entre elas, há um ponto levantado pelos alunos, na categoria “D”, sobre a desvalorização do trabalho docente, pois alguns cursos são ministrados por tutores apenas graduados, que nem sempre conseguem sanar dúvidas dos alunos.

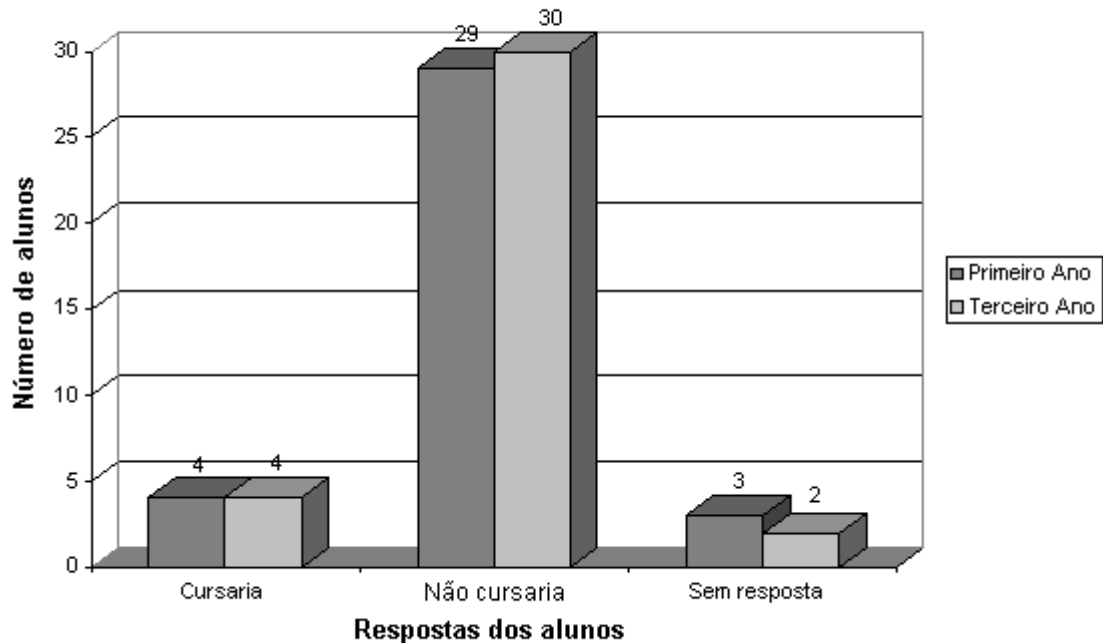
A categoria “E” demonstra a preocupação com a aceitabilidade desses cursos na sociedade, pois, dependendo da área de atuação, os cursos em EAD ainda não são bem vistos.

Quadro 2 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 02

“Os **pontos negativos** seriam, a desconfiança do mercado de trabalho com os diplomas adquiridos através dessa modalidade de ensino, os problemas na forma como a EAD é conduzida no país, pois o governo federal ainda não dispõe de aparato suficiente para acompanhar, supervisionar e fiscalizar os cursos, fato que comprometeria sua qualidade (não que isso não ocorra com os cursos presenciais); a pouca verba destinada aos tutores para acompanhamento da aprendizagem dos grupos, tornando a qualificação e motivação dos profissionais precárias; necessidade de ter um bom computador e uma boa conexão de internet, o que nem sempre é possível para todos os envolvidos na EAD”.

Questão 03: Você conseguiria fazer um curso de primeira graduação por meio de EAD?

Gráfico 3 - EAD na primeira graduação



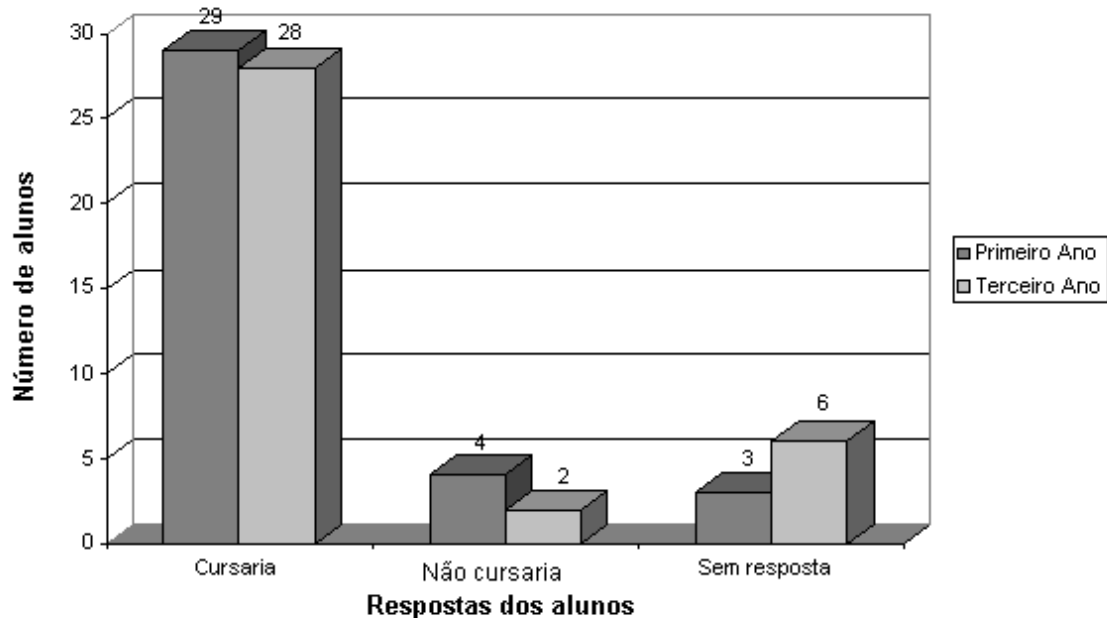
A grande maioria dos alunos, como mostra o Gráfico 3, não se sente preparada para cursar uma primeira graduação por meio da modalidade de EAD, pois entende que ela demanda muita responsabilidade e disciplina. Isso também foi apontado, anteriormente, como desvantagem dessa modalidade, pois os alunos afirmaram que o estereótipo de aluno brasileiro tende a ser indisciplinado e, portanto, difícil de policiar a si mesmo em um curso EAD logo em sua primeira graduação. Apenas 08 alunos (04 de cada turma) afirmaram que fariam um primeiro curso por meio desta modalidade e os demais (05 alunos) acabaram não especificando sua resposta.

Quadro 3 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 03

“Eu acredito que não conseguiria, pois exige muita concentração e organização do aluno, fora que provavelmente não entenderia todos os assuntos expostos e minha aprendizagem não seria significativa por não possuir um orientador direto”.

Questão 04: E um curso de extensão ou de formação continuada?

Gráfico 4 - EAD em curso de extensão/formação continuada



Nesta questão também houve predominância em uma das respostas, mas, desta vez, a maioria dos alunos afirmou que faria cursos via EAD após se formarem em um primeiro curso presencial. A principal justificativa é que o curso presencial fornece base, tanto conceitual quanto disciplinar, para se responsabilizar com as cargas excessivas de leituras e trabalhos que são exigidas na modalidade EAD.

Quadro 4 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 04

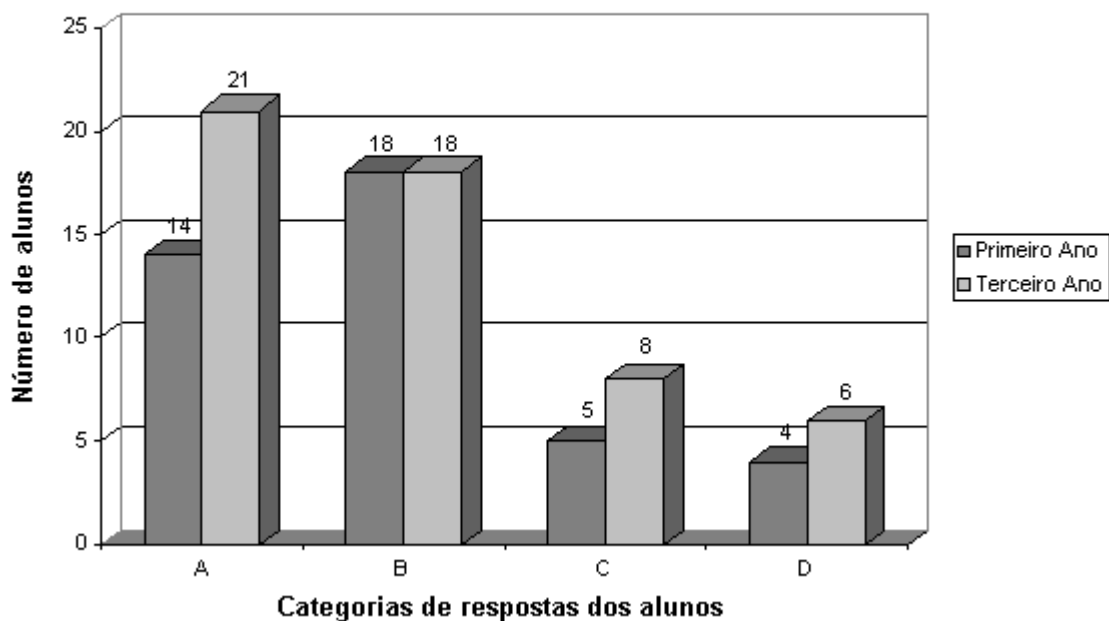
“Acredito que essa é uma ótima opção para um curso de extensão e formação continuada, principalmente nesse contexto, onde estamos tendo na graduação o privilégio de aprender como se utiliza da maneira correta esse sistema, acredito que é uma maneira de levar cursos que não temos perto de nós ao alcance de todos que desejam aprender”.

Questão 05: Quais seriam suas dificuldades?

Categorias construídas a partir das respostas:

- A) Falta do professor para auxílio imediato.
- B) Falta de disciplina / outras distrações na internet.
- C) Falta de preparo do aluno.
- D) Não confiar nos modelos dos cursos EAD.

Gráfico 5 - Principais dificuldades para fazer um curso EAD



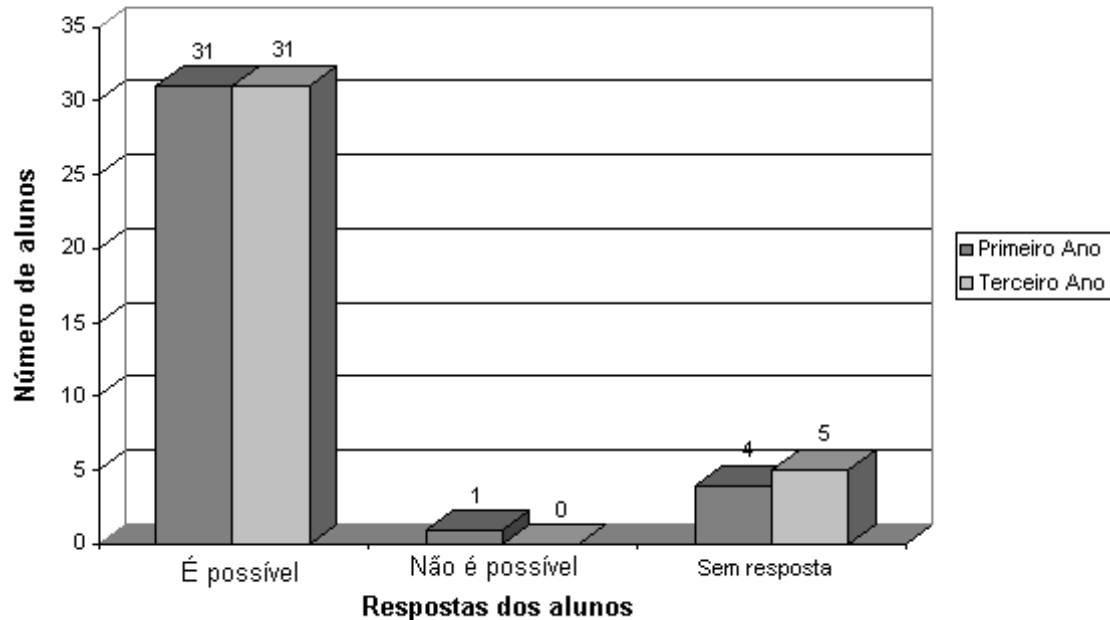
Em relação às dificuldades que os alunos sentiriam para fazer um curso pela modalidade de EAD, as categorias “A” e “B” foram predominantes e representaram, respectivamente, a questão da falta de apoio imediato do professor e também a falta de disciplina deles mesmos para cumprir os trabalhos propostos nesta modalidade de ensino.

Quadro 5 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 05

“Creio que uma das minhas maiores dificuldades em fazer um curso EAD seria me policiar para sentar, conectar a internet, e fazer as atividades do curso sem outras distrações, sem msn, facebook e demais tentações da internet e também as distrações físicas: tv, amigos que entrem e saem do quarto, pessoas que não entendem que você está estudando e ficam atormentando”.

Questão 06: É possível aprender e ensinar usando a EAD?

Gráfico 6 - Possibilidade de aprender e ensinar usando EAD

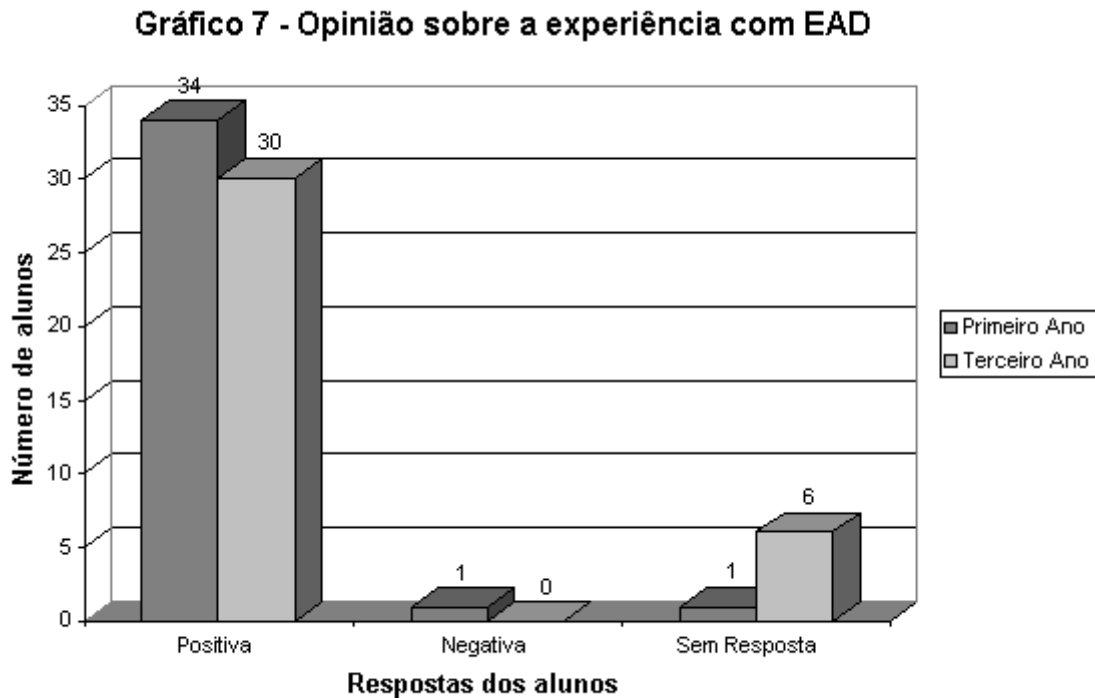


A grande maioria dos participantes avaliou a experiência como significativa, o que pode ser observado na afirmação dos alunos de que é, sim, possível aprender e ensinar usando a modalidade de EAD. Alguns relataram que conseguiram aprender conteúdos nas disciplinas do curso que tinham foco nas tecnologias – as quais eram, em parte, realizadas por meio do AVA – e que puderam mudar seus conceitos sobre os cursos desta modalidade. Apenas 01 participante, do primeiro ano, afirmou ser contra o uso dessa modalidade e não mudou sua opinião após a disciplina de “Educação e Tecnologia”. Outros 09 alunos não responderam.

Quadro 6 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 06

“É possível ensinar e aprender usando EAD, vai muito da dedicação e do esforço do aluno e de orientações adequadas”.

Questão 07: O que você achou dessa experiência



Os participantes, em sua grande maioria, avaliaram como válida a participação nesta experiência. Entretanto, foram comuns comentários de que as ferramentas de EAD poderiam ser mais bem aproveitadas paralelamente aos cursos presenciais. Apenas o mesmo participante que afirmou não ser possível aprender e ensinar com cursos EAD se posicionou de forma negativa a experiência com a modalidade de ensino. Os demais alunos se ausentaram de afirmações.

Quadro 7 – Trecho ilustrativo sobre a Questão 07

“Achei muito importante essa experiência de aprender e conhecer um pouco mais sobre essa ferramenta, poder vivenciar na prática um pouco dessa modalidade fez mudar minha visão sobre a EAD, de que é possível sim aprender assim quando se tem um bom planejamento”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa bibliográfica conclui-se que a evolução das TIC na sociedade aconteceu de forma veloz, e o processo de adaptação nas escolas já se iniciou. Enquanto as escolas introduzem as TIC nas práticas pedagógicas, cabe ao professor se preparar e conhecer essas ferramentas para que consiga desenvolver com sucesso seu planejamento. Reconhecemos, assim, a importância desses conteúdos fazerem parte da grade curricular dos cursos de formação de professores, para que estes construam reflexões e criticidade sobre o tema, de forma geral.

A partir da pesquisa realizada por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem constatamos que os alunos que têm à disposição essas ferramentas, bem como local apropriado para as discussões – no caso, as próprias disciplinas do curso –, avaliaram como importantes as experiências propiciadas e garantidas pela grade curricular. Não deixaram, contudo, de fazer importantes observações com relação ao emprego adequado das TIC, demonstrando a criticidade construída, ao longo das disciplinas, sobre a modalidade de EAD. Estes mesmos alunos puderam afirmar que utilizar a ferramenta e participar de uma experiência EAD os fizeram mudar de opinião e perder os preconceitos que carregavam sem, ao menos, ter conhecimento da mesma.

Não entendemos que o uso da tecnologia no ensino é, exclusivamente, a única forma de melhorar a educação brasileira. Contudo, conhecer estas possibilidades, saber trabalhar com elas e ter senso crítico para discuti-las será essencial aos futuros professores, pois, a partir do que nossa pesquisa constatou e demonstrou, é muito provável que as TIC passarão a ser usadas de forma exaustiva nos processos de ensino e aprendizagem.

Como resultado imediato deste estudo, pode-se pensar, ainda, em sua contribuição para a reflexão sobre as práticas do professor em sala de aula com questões ligadas aos recursos tecnológicos e as TIC de forma geral, além de sua ajuda à comunidade acadêmica acerca deste assunto, cooperando para um melhor aproveitamento dos recursos das TIC nas escolas.

Possíveis extensões deste estudo poderiam pesquisar como os professores se prepararam, em outros tipos de cursos e aprendizados, para dominar as TIC que utilizam (ou utilizarão) em sala de aula. Como os alunos dos outros campi da UNESP, que não trabalharam as disciplinas exclusivas de tecnologia, se preparam para o trabalho com as TIC também é material de grande relevância a estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Informática e formação de professores**. Cadernos Informática para a Mudança em Educação. MEC/ SEED/ ProInfo, 1999.
- APPLE, Michael Whitman. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ATAÍDE, Maria Elza Miranda. **O lado perverso da globalização na sociedade da informação**. Ci. Inf. [online]. 1997, vol.26, n.3.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 3ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologia e educação: trabalho e formação docente**. Educ. Soc. Campinas, v. 25, n. 89, 2004 .
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de Maio de 2012.
- BERNERS-LEE, Tim. *et al.* **The semantic toolbox: building semantics on top of XML – RDF**, 1999.
Disponível em: <<http://www.w3.org/DesignIssues/Toolbox.html>>. Acesso em 25 de Maio de 2012.
- BRASIL. Lei nº 5692/71, de 11/08/1971. Fixa Diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, Diário Oficial de 11/08/1971.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20.12.1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. In: **Diário Oficial da União**. Ano CXXXIV, nº248, de 23.12.1996, pp. 27.833-27.841.
- BRAUN, Daniela. **Brasil lidera consumo global de eletrônicos em 2010, aponta Accenture**. O Globo. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/economia/brasil-lidera-consumo-global-de-eletronicos-em-2010-aponta-accenture-2841643>>. Acesso em 02/05/2012.
- BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **Teleducação ou educação à distância: fundamentos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BORÓN, Atílio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal. In.: **Pós-eoliberalismo: As políticas sociais e o estado democrático**. RJ: Paz e Terra, 2000.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 6ª. Edição. 1999.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CESAR, Newton. **Direção de Arte em Propaganda.** São Paulo: SENAC, 2006.

COMENIUS, Johann Amos. **Didáctica magna:** tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

COUTINHO, Katherine. **Em PE, alunos do ensino médio da rede estadual vão receber tablets.** PORTAL G1. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2012/02/em-pe-alunos-do-ensino-medio-da-rede-estadual-vao-receber-tablets.html>> . Acesso em 02/05/2012.

DESSLER, Gary. **Administração de Recursos Humanos.** 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

GARCIA, Walter Esteves. **Legislação, políticas públicas e gestão para o ensino a distância.** Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v.25, n.139, p.16-9, nov./dez,1997.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores e carreira:** problemas de movimento e renovação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias:** do game à TV Interativa. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: Benjamin, W.; Horkheimer, M.; Adorno, T.W.; Habermas, J. **Textos Escolhidos.** 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983

HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INEP. **Relatório Técnico: Censo da Educação Superior de 2007.** Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007_pdf>. Acesso em 26 de Maio de 2012.

JAEGER, Werner. **Paidéia - A formação do homem grego.** Trad. Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Ed. Papirus, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Política de formação profissional para a educação infantil:** Pedagogia e Normal Superior. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Lisboa: Estampa, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Guerra e Paz na Aldeia Global**. Trad. Ivan Pedro de Martins. Ed. Record, 1971.

MEC. **Ministério distribuirá tablets a professores do ensino médio**. Brasília, DF, 2012. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17479> . Acesso em: 02 de Maio de 2012.

_____. **Estudos apontam a falta de 250 mil professores no ensino médio**. Brasília, DF, 2005. Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1605&catid=201> . Acesso em 11 de Maio de 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MOORE, M; KEARSLEY, G. **A educação à distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, Ruy. A Técnica, o Homem e a Terceira Revolução Industrial. In: KUPSTAS, Márcia (org.). **Ciência e Tecnologia em debate**. São Paulo, Moderna, 1998.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

NICPBR. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **TIC Crianças 2010 – ICT Kids 2010 : Survey on the use of information and communication technologies in Brazil / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination Alexandre F. ; tradução para o inglês / translation into English Karen Brito-Sexton]**. – São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

NISKIER, Arnaldo. **Educação Brasileira: 500 anos de História 1500 - 2000**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1989.

NORTON, Peter. **Introdução à informática**. Trad. Maria Cláudia Santos Ribeiro Ratto. São Paulo: Pearson, 1996.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa. Publicações Dom Quixote; Instituto de Inovação Educacional, 1995.

PILLETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 6ª Ed . São Paulo: Editora Ática, 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

SANTIAGO, Eliete. Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire. In: NETO, José Batista; SANTIAGO, Eliete (Orgs). **Formação de professores e práticas pedagógicas**. Org.: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SÃO PAULO, Secretaria de Ensino Superior. **UNIVESP**: Universidade Virtual do Estado de São Paulo / São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/5/o-que-e-a-univesp>> Acesso em: 24 Maio de 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

_____. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Sistemas de ensino e planos de educação**: o âmbito dos municípios. Educação & Sociedade, ano XX, nº 69, Dezembro/99.

SCAVETTA, Domenics; LAUFFER, Roger. **Texte, Hipertexte, Hipermídia**. Paris: Intro, 1997.

SILVA, Carmem Silvia Bissoli da. **Curso de Pedagogia no Brasil**: história e identidade. São Paulo: Autores Associados, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Juliane. **Escolas aceleram a adoção de equipamentos digitais**. 2011 Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2221/escolas-na-era-digital>>. Acesso em 26 de Maio de 2012.

SNYDERS, George. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TAKAHASHI, Fábio. **Falta professor em 32% das escolas estaduais**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/39178-falta-professor-em-32-das-escolas-estaduais.shtml>>. Acesso em 11 de Maio de 2012.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital – a crescente e irreversível ascensão da Geração Net**. Trad. Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.

TORI, Romero. **As tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: SENAC, 2010.

UNIÃO EUROPÉIA. **Construir a Sociedade Européia da Informação para todos.** [s. l.], 1997. (Relatório final do Grupo de Peritos de Alto Nível). Disponível em: <http://www.ispo.cec.be> Acesso em 02 de Maio de 2012.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Análise dos cursos de pedagogia da UNESP. [2009?]. (No prelo).

VALENTE, José Armando. Formação de Profissionais na Área de Informática em Educação. In: VALENTE, José Armando. A. (org). **Computadores e Conhecimento:** Repensando a Educação. Campinas, SP, Gráfica Central da Unicamp, 1993.

_____. **O uso inteligente do computador na educação.** Ano 1, n.1, Editora Artes Médicas Sul, 1997.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Seduções e simulacros – Considerações sobre Indústria Cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação. In: PUCCI, B (org.). **Teoria Crítica e Educação:** a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes/São Carlos: EDUFSCar, 1994.